FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER
NÚMERO **119**
JANEIRO 2011

Monumento Nacional

neste número pode ler

Al-Kindi Ensemble

4

Festival de Inverno

Nomes sonantes como Esa-Pekka Salonen ou Gustavo Dudamel, mas também grandes representantes das chamadas "músicas do mundo", como a israelita Yasmin Levy ou o agrupamento sírio Al-Kindi Ensemble, marcam a programação da Gulbenkian Música neste Festival, em Janeiro. Um mês que terá também Ute Lemper a interpretar Édith Piaf e Jacques Brel, uma orquestra virtual e interactiva – Re-Rite –, em instalação no MUDE, e muitos outros motivos para apreciar este Inverno de música.

8

Memórias de Rómulo de Carvalho

Em 500 páginas, o professor e poeta (António Gedeão) revela os seus pensamentos e sentimentos pelo Mundo que o rodeia. Nascido durante a Monarquia, atravessou vários e conturbados períodos políticos, mas é sobretudo nos hábitos e costumes que se detém, nestas páginas cheias de humor e de acontecimentos.

17

Novas Exposições

Este mês são inauguradas três novas exposições no Centro de Arte Moderna. **Muros de Abrigo**, de Ana Vieira, revela um olhar retrospectivo sobre a obra da artista. Paralelamente, a colecção do CAM mostra-se em **Casa Comum**, a partir da temática da exposição de Ana Vieira. **Não Confiem nos Arquitectos**, de Didier Faustino, é a maior exposição do artista, de nacionalidade portuguesa e francesa, no nosso país. É composta por múltiplos suportes, desde o vídeo à instalação sonora, passando pela escultura e performance.

índice

em relevo

4 **Festival de Inverno**

primeiro plano

8 **O livro das Memórias de Rómulo de Carvalho**

a seguir

11 **FAZ – Ideias de origem portuguesa**

11 **Fundação Gates financia investigadores do IGC**

12 **Prémio Simbiontes para cientista do IGC**

14 **A Imagem na Ciência e na Arte: últimas conferências**

15 ***Think Tank* sobre a Água e o Futuro da Humanidade**

16 **Plataforma Imigração: Galardoados 2010**

17 **Muros de Abrigo**

18 **Casa Comum**

18 **Não Confiem nos Arquitectos**

19 **ResPublica – últimos dias**

19 **Are you ready Lola? Lisa Santos Silva em Paris**

20 **Música por uma causa**

21 **Edifício-Sede e Parque da Fundação Gulbenkian Monumentos nacionais**

22 **Catálogos da Biblioteca de Arte**

23 **breves**

26 **novas edições**

27 **projectos apoiados**

bolseiros gulbenkian

28 **Gonçalo Sena**

uma obra

30 **Ambiente – Sala de Jantar**

31 **agenda**

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER Número 119.Janeiro.2011 | ISSN 0873-5980
Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
Colaboram neste número Ana Barata | Patrícia Fernandes | Sílvia Castro
Design José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | **Revisão de texto** Rita Veiga [dito e certo]
Foto da Capa José Manuel Costa Alves | **Impressão** Greca Artes Gráficas | **Tiragem** 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Mensagem do Presidente da Fundação

O final de cada ano é sempre propício a balanços sobre o ano que se encerra e a projecções sobre aquele que se inaugura. Numa instituição, este exercício é mais metódico e passa necessariamente pelo fecho das contas e pela aprovação do orçamento e do respectivo plano de actividades. Estas ocasiões constituem sempre uma oportunidade para reflectirmos sobre as condições necessárias para que a nossa missão se desenvolva e ultrapasse os inevitáveis constrangimentos que resultam de contextos culturais, sociais, económicos e políticos em permanente evolução e, muitas vezes, adversos.

Quando as situações conjunturais pesam excessivamente e parecem obscurecer o horizonte ou quando a corrente de notícias – muitas vezes contraditórias – ocupa o quotidiano, é necessário encontrar a serenidade e o Tempo para avaliar a nova acção e perspectivá-la em termos do porvir. Uma instituição como a Fundação Calouste Gulbenkian, estatutariamente perpétua e, por natureza intrínseca, comprometida com o futuro, tem o especial dever de se manter como referência de estabilidade construtiva, em tempos, como o presente, de crise económica e social e de mais dificuldade em desenhar o médio e o longo prazos.

A História também é feita de momentos difíceis e são estes momentos que testam a nossa capacidade colectiva de escolher um rumo e de o prosseguir. Todos somos responsáveis pelo nosso futuro colectivo. E esse futuro depende em muito da lucidez para compreender o contexto da nossa actuação e da coragem que formos capazes de mobilizar para enfrentar as dificuldades presentes, assumindo uma genuína solidariedade para com as gerações que se nos seguirão.

Não será com lamentos nem a procurar passa-culpas circunstanciais que venceremos os desafios. Só com acção porfiada, exigentes connosco mesmos, decididamente apostados no futuro.

Na Fundação Calouste Gulbenkian, em toda a multiplicidade que caracteriza as nossas intervenções, é isto que procuramos todos os dias: fazer o melhor que sabemos e apoiar aqueles que fazem melhor ainda. Detectamos, desafiamos e apoiamos pessoas e instituições que fazem e que fazem bem, procurando o efeito de contaminação positiva que pretendemos.

Com a publicação da nossa Newsletter, a Fundação procura obter um contraponto, encetando um diálogo permanente com aqueles que são os mais directos interessados nas nossas actividades. Comunicar constitui também uma obrigação de uma instituição responsável e aberta, que presta contas e que está disponível para a análise construtiva.

No ano em que começa uma nova década, gostaria, por isso, de terminar agradecendo a colaboração e os incentivos que recebemos de todos aqueles que partilham connosco os desafios da filantropia e que a Fundação conta como parceiros activos a prosseguirem, de forma inovadora, os valores permanentes da sociedade civil.

Bom ano!

Emílio Rui Vilar

Orquestra Gulbenkian @ Fotografia: Rodrigo César

Festival de Inverno

O Festival de Inverno vai marcar o início do ano na temporada Gulbenkian Música, com uma programação que alia a qualidade e a diversidade da oferta à excelência artística dos intérpretes.

Ao invés de se centrar num tema ou num compositor, este Festival vai assumir-se como um verdadeiro mosaico musical, atravessando diferentes épocas, culturas e tradições. Intensificam-se as propostas em torno de Mahler, integradas num vasto programa que inclui músicas do mundo, instalações interactivas, conferências, conversas com artistas e um ciclo de cinema (ver agenda). Destaque para a vinda de dois dos maiores maestros da actualidade: Esa-Pekka Salonen, com a Philharmonia Orchestra (Londres), e Gustavo Dudamel, com a Los Angeles Philharmonic.

Salonen em residência

Esa-Pekka Salonen vai permanecer em Lisboa com a sua orquestra, em regime de residência, ao longo de duas semanas, abrindo o Festival de Inverno com **Da Casa dos Mortos**, a última ópera de Janáček, numa produção multimédia do Festival de Helsínquia. Este espectáculo, que se realiza no dia 6 às 21h, repetindo-se no dia 7 às 19h, marca a estreia de **Esa-Pekka Salonen** à frente da **Orquestra e Coro Gulbenkian**. A ópera, inspirada num livro de Dostoiévski que testemunha a experiência do escritor russo num campo de trabalhos forçados na Sibéria, é considerada a obra mais invulgar e sombria de Janáček. Composta no ano da sua morte, quase exclusivamente para vozes masculinas e com um enredo fragmentado, constitui um retrato do Homem à procura da liberdade. O maestro finlandês dirigiu uma nova produção desta mesma obra na Metropolitan Opera de Nova Iorque e no Teatro alla Scala de Milão. Este espectáculo assinala, também, o início do Mês Janáček, que se vai desenrolar em mais dois palcos da capital: o Teatro Nacional de São Carlos e o Centro Cultural de Belém (**ver p. 7**).
A par da apresentação de **Da Casa do Mortos** terá lugar uma conferência por **Paulo Ferreira de Castro** sobre **Janáček**

Esa-Pekka Salonen @ Fotografia: Clive Barda

Re-Rite Violin

e Dostoiévski (dia 6, às 19h) e um encontro com **Esa-Pekka Salonen** (dia 7, às 21h). Os dois eventos realizam-se no Auditório 2 e a entrada é livre.

Ao longo da sua residência, Salonen dará ainda dois concertos com a sua **Philharmonia Orchestra**, no Grande Auditório da Fundação (dia 11, 21h) e no Coliseu dos Recreios (dia 13, 21h). O primeiro concerto inclui obras de Ravel e Bartók e o Concerto para violino do próprio Salonen, com interpretação de Leila Josefowicz. A anteceder este concerto, às 19h, haverá uma **conferência** sobre o tema **A Orquestra Sinfónica no século XX: desafios e perspectivas**, com a participação de **David Whelton**, director executivo da Philharmonia Orchestra, e **Richard Slaney**, coordenador de projectos multimédia da orquestra londrina.

No Coliseu, o programa do concerto será dedicado a Béla Bartók (*O Mandarim Maravilhoso* e *Cantata Profana*) e a Igor Stravinsky (*A Sagração da Primavera*).

Projecto Re-Rite

Salonen marcará também presença na inauguração de **Re-Rite. Be the Orchestra**, uma instalação interactiva construída a partir da gravação digital em alta definição (HD) de *A Sagração da Primavera* de Stravinsky pela Philharmonia Orchestra que ele próprio dirigiu. Esta instalação ficará no MUDE (Museu do Design e da Moda) entre 9 e 23 de Janeiro, com entrada livre. "Estar no meio de uma orquestra, experimentar a sensação de 101 músicos a tocar *A Sagração da Primavera*, faz correr a adrenalina e é algo que quero partilhar com o mundo" – assim descreve o maestro a experiência proporcionada por esta instalação e que permite ao público dirigir, tocar e fazer parte de uma orquestra virtual. A festa de inauguração terá lugar no dia 8, com a participação do DJ Gabriel Prokofiev, neto do compositor.

Gustavo Dudamel @ Fotografia: Chris Christodoulou

Yasmin Levy

Dudamel inicia digressão europeia em Lisboa

A entrada em cena de **Gustavo Dudamel**, à frente da **Los Angeles Philharmonic** e que dá início à sua primeira digressão europeia com a orquestra, tem lugar nos dias 21 e 22 de Janeiro, às 21h. Na primeira apresentação, no Grande Auditório, destaque para a interpretação da 1.ª Sinfonia de Leonard Bernstein (com a meio-soprano Kelley O'Connor) e da 7.ª Sinfonia de Beethoven. Nesse mesmo dia 21, antes do concerto, às 19h, **Deborah Borda**, directora executiva da Los Angeles Philharmonic falará também no âmbito do ciclo de conferências **A Orquestra Sinfónica no século XX: desafios e perspectivas**, do ponto de vista da orquestra que dirige. No dia seguinte, **Dudamel** regressa ao Coliseu dos Recreios para um dos momentos mais aguardados da temporada: a 9.ª Sinfonia de Mahler, "uma música vinda de outro mundo, vinda da eternidade", nas palavras de Herbert von Karajan, e por muitos considerada o testamento musical do compositor austríaco.

Ute Lemper e Músicas do Mundo

De Berlim a Paris é o espectáculo que **Ute Lemper**, celebrizada pelas suas interpretações das canções de Kurt Weill, dará no âmbito do Festival. Neste seu regresso à Fundação Gulbenkian, nos dias 14 e 16 de Janeiro, às 19h, interpreta um programa onde se cruzam as canções do popular cabaret alemão da primeira metade do século XX com as composições dedicadas a dois clássicos da canção francesa, Jacques Brel e Édith Piaf. O repertório inclui ainda, entre outras, canções de Paul Hindemith e Erik Satie.

Ute Lemper @ Fotografia: Paul Massey / Frank Spooner Pictures

O ciclo **Músicas do Mundo** vai ter dois momentos marcantes ao longo deste mês. O primeiro dá-se no dia 29 de Janeiro, às 21h, com a actuação da israelita **Yasmin Levy**. Cantando em ladino, a língua dos judeus sefarditas, a sua voz profunda e espiritual entrelaça as melodias tradicionais, a paixão pelo flamenco e as influências do Oriente e dos Balcãs. No espectáculo que vai apresentar no Grande Auditório – Sentir – apresenta novas canções em ladino e uma comovente versão de Hallelujah de Leonard Cohen.

No dia 31 de Janeiro, será a vez do **Al-Kindi Ensemble** actuar no palco do Grande Auditório. O agrupamento sírio, que tem vindo a explorar as tradições musicais eruditas do Próximo e do Médio Oriente, é constituído por cinco elementos aos quais se juntam outros músicos para os diferentes projectos. O programa que apresenta na Fundação – **Stabat Mater Dolorosa** – é o mais ambicioso até à data, reunindo cerca de vinte figuras, incluindo um coro bizantino, derviches sírios e o cantor sufi Sheikh Habboush. Dirigido por Julien Jâlal Eddine Weiss, é uma homenagem muçulmana e cristã a Maria.

Mahler, o seu contexto e legado

A programação da Gulbenkian Música 10/11 não podia passar indiferente à dupla efeméride ligada a Gustav Mahler: os 150 anos do seu nascimento em 2010 e o centenário da sua morte em 2011. Razão para a forte presença do compositor austríaco ao longo da temporada, não só através das suas extraordinárias sinfonias e canções, mas também através da evocação do contexto vienense que originou a sua música e de obras que foram inspiradas pelo seu génio. **Simone Young**, a maestrina convidada principal da Orquestra Gulbenkian, vai participar activamente nesta

Mês Janáček

Fundação Calouste Gulbenkian
Grande Auditório

Da Casa dos Mortos
Leoš Janáček
6 Janeiro, 21h
7 Janeiro, 19h
Coro e Orquestra Gulbenkian
Esa-Pekka Salonen Maestro
Kristiina Helin Direcção Cénica
Petri Bäckström
Anna Danik
Gordon Gietz
Pavlo Hunka
Dan Karlström
Stefan Margita
Hannu Niemelä
Esa Ruuttunen
Eric Stoklossa
Baseada na obra de Dostoiévski
Produção multimédia do
Festival de Helsínquia 2008
Ópera em três actos
(legendada em português)

Teatro Nacional de São Carlos

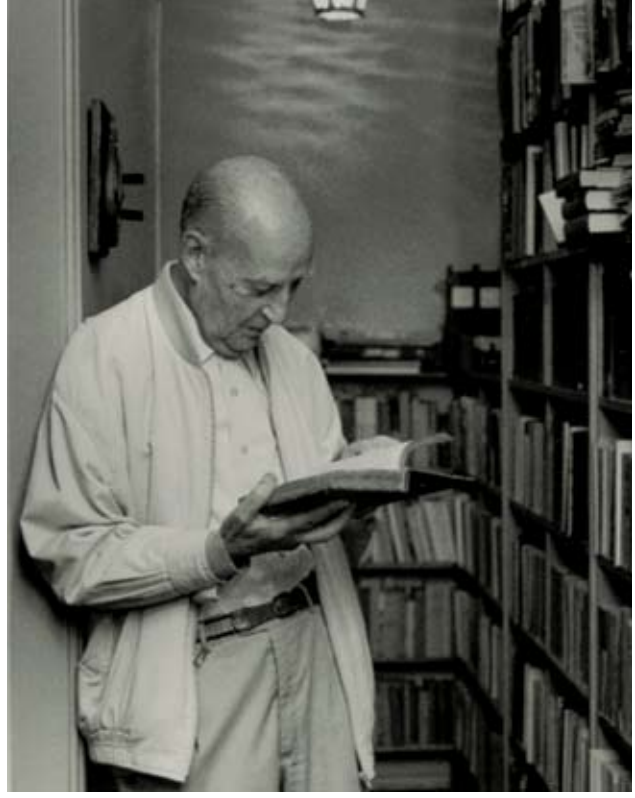
Kátìa Kabanová
Leoš Janáček
8, 10, 12, 14 e 18 Janeiro, 20h
16 Janeiro, 16h
Orquestra Sinfónica Portuguesa
Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Julia Jones Maestrina
David Alden Encenação
Charles Edwards Cenografia
Jon Morrell Figurinos
Maxine Braham Coreografia/movimento
Adam Silverman Desenho de Luz
Magnus Baldvinsson
Arnold Bezuyen
Dagmar Pečkova
Hans Georg Priese
Ausrine Stundyte
Musa Nkuna
Anna Grevelius
Mário Redondo
Laryssa Savchenko
Ana Cosme
Ópera em três actos
(legendada em português)

Centro Cultural de Belém
Grande Auditório

Dvořák, Martinů, Janáček
29 Janeiro, 21h
Orquestra Sinfónica Portuguesa
Martin André Maestro
Pavel Gomziakov Violoncelo
Antonín Dvořák
Concerto para violoncelo e orquestra, em Si Maior, op.104
Bohuslav Martinů
Sinfonia n.º 6, H. 343,
Fantaisies Symphoniques
Leoš Janáček
Taras Bulba

celebração, quer dirigindo a Orquestra Gulbenkian (OG), quer actuando ao piano. Num primeiro momento, com a OG, dia 19 de Janeiro às 21h (repetindo-se no dia seguinte, às 19h), conduzirá um programa composto pela *Pavane*, op.50 de Gabriel Fauré, os *Nocturnes* de Claude Debussy e a *Sinfonia Lírica*, op.18 de Alexander Zemlinsky, com a participação da soprano **Miriam Gordon-Stewart** e do barítono **Bo Skovhus**. Com este barítono dará um recital, ao piano, no dia 24 de Janeiro, às 19h, inteiramente preenchido com canções de Mahler. O programa integra várias páginas de juventude e as magníficas *Ruckert Lieder*. A maestrina australiana vai dirigir ainda mais dois concertos, no dia 27, às 21h, e no dia 28, às 19h. O programa inclui a *Grande Sinfonia* de Franz Schubert (n.º 9, D.944) e duas peças de Benjamin Britten: a Serenata para Tenor, Trompa e Cordas, op. 31 e o Duplo Concerto para Violino, Viola e Orquestra. Participam neste concerto **Christoph Prégardien** (tenor), **Jonathan Luxton** (trompa), **Ana Beatriz Manzanilla** (violino) e **Pedro Saglimbeni Muñoz** (viola). ■

Simone Young @ Fotografia: Klaus Lefebvre



Rómulo de Carvalho

O livro das Memórias de Rómulo de Carvalho

"Um homem jovial, de humor muito fino"

Apresentado quase no final da Festa dos Livros Gulbenkian, o livro de Rómulo de Carvalho é, no dizer do seu filho Frederico Carvalho, uma obra onde o autor se "desvenda aos olhos do leitor, deixando entender a sua particular visão do mundo e da história, e da comunidade dos homens e mulheres que fazem essa mesma história". Escritas longe do olhar da família e só descobertas depois da sua morte, em 1997, estas memórias mostram, segundo o filho, "o humor, a independência de espírito, e agudeza crítica, que eram características marcantes da personalidade do autor". Nesta conversa, ***Frederico Carvalho*** *salienta alguns dos traços relevantes da personalidade do seu pai e poeta António Gedeão.*

Este livro, além da notável descrição de mais de 90 anos de vida, mostra que Rómulo de Carvalho era, na verdade, um homem completamente livre. Era uma das características da personalidade dele: ser completamente livre. Isso nota-se nas apreciações que fazia, em várias situações e em relação a várias pessoas, sem nunca deixar de dizer o que pensava. Era tão independente que até sobre o amor que tinha pela mãe, dizia que não era por ela ser mãe dele, mas pelas suas qualidades. Não levo isto inteiramente à letra, mas era assim que ele gostava de se afirmar. Até nos amigos, teve poucos daqueles a quem chamamos mesmo amigos, mas os que tinha eram muito chegados. Era uma pessoa reservada e isso até se prova pelo facto de ter guardado as Memórias sem que os mais próximos soubessem. Fez a mesma coisa com a poesia: quando a editou pela primeira vez ninguém o soube, como está explicado no livro. Era uma personalidade excepcional e, particularmente a mim, toca-me muito ler este livro, pelas nossas relações. Além disso, foi e continua a ser uma poderosa fonte de inspiração.

"Era assim o salão da Calçada do Monte."

De certo modo, posso dizer que conheço melhor o meu pai hoje do que enquanto foi vivo, pelos estudos que fui fazendo de tudo o que ele deixou. Além desta obra, há todos os artigos que são muito reveladores da sua maneira de ser e de pensar, como aquele famoso artigo "A Ciência e a Arte".

Rómulo de Carvalho refere muitas vezes neste livro que não gosta da Humanidade, daquilo em que os homens se tornaram, mas, apesar disso, ama profundamente tudo o que faz em prol dos outros, sendo um educador. Parece uma contradição...

Um pouco, já que refere muitas vezes que não aprecia o género humano, no seu conjunto. Mas uma coisa são os grupos sociais, a outra são as pessoas que os compõem. E aí, a atitude dele era diversa. Até na poesia se vê isso. Os poemas reflectem muito a sua maneira de ser. Em certas poesias, mostra a estima e a pena que sentia pelo sofrimento alheio, mais no individual do que no colectivo.

O seu pai era um homem tímido? Ou apenas reservado?

Não acho que fosse tímido porque dizia sempre o que achava que tinha de ser dito, sem hesitar. Há muitas histórias que ele refere no livro, que têm a ver com alguns dissabores e sempre faz alusão ao facto de cada um querer ter razão. Respondia e reagia às coisas que se passavam com ele, sem nenhuma timidez e com muita determinação, como vemos na decisão de abandonar o Liceu Camões.

Neste livro, há uma necessidade expressa de narrar pormenorizadamente os hábitos de épocas passadas, aqueles que já poucos conhecem – tomar banho, a divisão da casa, a comida, etc. – as coisas que, como ele diz, "todos fazem", da rainha D. Amélia à lavadeira. Somos levados a ver que os hábitos mudaram, mas os costumes se mantêm?

Os costumes e, de alguma forma também, a mentalidade, a forma de reagir às coisas que está profundamente enraizada na nossa identidade. Não é por acaso que inclui no livro um poeta quinhentista, Simão Machado, que escreve: "Enfim que, por natureza, / e constelação do clima, / esta Nação Portuguesa/ o nada estrangeiro estima, / o muito dos seus despreza." Há também uma parte, a que chamei no Índice Remissivo "as ilusões de grandeza", que está recheada de aspectos que marcam a nossa atitude perante a vida e as coisas.

Quanto aos aspectos que foca sobre a vida caseira e os seus hábitos, são muito importantes de registar para o futuro, uma vez que não há muitos livros que o façam. Normalmente, não é disto que tratam os livros de História.

Há várias preocupações enunciadas no livro pelo Rómulo de Carvalho, enquanto cidadão. Uma delas tem a ver com a dependência do petróleo e o rumo do Mundo...

O petróleo e outros elementos que são apontados como arautos do progresso e da evolução, a televisão, por exemplo, que alterou completamente os hábitos familiares, a própria urbanização, que fez com que se perdesse um dos mais belos espectáculos da natureza que é ver as estrelas. Isso pode ser visto como uma crítica, mas eu vejo mais como uma lamentação. Não se manifesta a favor ou contra, mas mostra as coisas que se perderam. Várias vezes transmite a ideia de que não é um velho descrente, nem está contra o avanço, está apenas contra a desumanização.

"Carroça de burro a vender hortaliça na Rua Augusta"

Fotografia de Rómulo com as irmãs

"As pessoas orgulham-se de ter razão, que afinal é uma coisa que toda a gente tem."

Nestas Memórias, há uma parte grande dedicada ao ensino e àquilo que ele considera como a mediocridade dos seus agentes, não só através da cunha instalada, como pela falta de entrega à profissão.

Era uma das coisas que mais o chocava – a mediocridade generalizada. Mas também diz que é por causa dela que era considerado um bom professor. Acho que estava a ser modesto demais. Não concordo com ele quando diz que, se o nível geral fosse mais elevado, ficaria ao lado dos outros, no mesmo patamar. Isso não é verdade porque sempre se distinguiu como professor. Fez tudo por amor e foi por amor que escolheu a profissão de ensinar.

Este livro mostra primeiro o homem e só depois o poeta, que aparece na parte final do livro. Há vários episódios, como o das poesias escritas aos cinco anos de idade, mas também os da destruição dos poemas, ao longo do tempo. Acha que os destruía por insatisfação com o resultado?

Essa é uma parte difícil de entender porque ele próprio diz que não entende. Mas o que fica claro é que destrói as poesias que vai fazendo porque as escrevia como um grito de alma, em determinadas circunstâncias em que se sentia ferido de alguma maneira. Mas essas circunstâncias não eram eternas, e então rasgava-as. Era como se afastasse a marca de algo desagradável. Depois fez um teste, por assim dizer, quando entrou no concurso do Ateneu Comercial para ver o que os outros pensavam. E como verificou que as poesias tinham acolhimento, começou a publicar. Era como se estivesse, através da poesia, a ser útil às outras pessoas. Foi útil através do ensino, mas também através da poesia.

E qual foi o seu papel, ao trazer à estampa as Memórias do seu pai?

Teve várias vertentes. A primeira foi a leitura dos manuscritos e perceber que era indispensável torná-los públicos. Este é um projecto que tem perto de quatro anos e que começou no centenário do nascimento, em 2006. Foi criada uma comissão na altura, e uma das coisas que foi posta em cima da mesa foi a edição destas Memórias. Os membros da comissão que as leram foram unânimes em dizer que deveriam ser editadas.

Depois contactámos a Fundação Gulbenkian, que aceitou editar a obra. Seguiram-se todos os trâmites normais e, finalmente, o livro aí está. Claro que, pelo meio, foi necessário localizar as muitas fotografias que fazem parte do livro e que ocupam muitas páginas. Foi preciso identificá-las no espólio guardado na Biblioteca Nacional. Depois foi a vez do Índice Remissivo, que é da minha autoria. Foi um trabalho longo.

Estas Memórias, escritas por um homem que viveu até aos 90 anos de idade e que as escreveu quase até morrer, têm uma enorme energia e uma grande jovialidade. Acha que é por serem dirigidas aos tetranetos?

Não, não creio. Era uma característica do Rómulo de Carvalho, um reflexo dele e uma excelente maneira de ensinar. Lembro-me das nossas conversas de família e essa jovialidade e o seu humor, muito fino, estavam sempre presentes. ■

FAZ Ideias de Origem Portuguesa

"Lá se pensam, cá se fazem" é o mote da iniciativa que pretende mobilizar os portugueses que vivem pelo mundo e que, segundo as estatísticas, são cerca de cinco milhões. A saída de Portugal permitiu-lhes criar a distância necessária para olhar para muitas soluções que podem ajudar o país. Por isso, a Fundação Gulbenkian e a Fundação Talento criaram o FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, iniciativa que convida todos os emigrantes portugueses, de todas as idades, de todas as profissões ou áreas de estudo, residentes em qualquer país do mundo, a ter ideias que possam resolver questões sociais contemporâneas, como a inclusão social ou o ambiente.

Quem tiver uma ideia para melhorar Portugal, poderá enviar a sua proposta para o site **www.ideiasdeorigemportuguesa.org**. A melhor proposta merecerá financiamento e acompanhamento técnico para ser posta em prática. Porque "fazer é a melhor ideia". ■

Fundação Gates financia investigadores do IGC

Entre os 65 projectos de investigação científica financiados este ano pelo programa Grand Challenges Exploration da Fundação Bill & Melinda Gates encontra-se o de Miguel Soares, coordenador do grupo de Inflamação do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), em colaboração com Henrique Silveira, do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT).

Miguel Soares e Henrique Silveira viram neste programa uma oportunidade para desenvolverem uma ideia potencialmente revolucionária no tratamento da malária: recorrer a anticorpos produzidos naturalmente no corpo contra a flora intestinal para combater o parasita *Plasmodium*, causador desta doença devastadora, que ainda hoje é uma das principais causas de mortalidade a nível mundial. Por ser esta uma das 65 "ideias corajosas e inovadoras" premiadas pelo programa Grand Challenges Exploration, os investigadores receberam 100 mil dólares por um período de 6 a 18 meses, extensível a um milhão, caso seja demonstrado sucesso nesta fase inicial.

Miguel Soares e Bahtiyar Yilmaz

Sabe-se que, ao longo do tempo, os humanos produzem uma grande variedade de anticorpos, incluindo alguns contra um açúcar produzido pelas bactérias da flora intestinal. O parasita *Plasmodium* também produz o mesmo

açúcar, o que sugere que esses anticorpos poderão ser utilizados para neutralizar o parasita logo que entre na corrente sanguínea. Desta forma, a infecção seria bloqueada imediatamente após a picada do mosquito.
Para testar esta hipótese, Miguel Soares e Henrique Silveira recorrem a ratinhos geneticamente modificados para produzir o anticorpo humano contra a flora intestinal. Estes ratinhos serão postos em contacto com mosquitos capazes de introduzir o parasita *Plasmodium* na sua corrente sanguínea. O que esperam é que os ratinhos, geneticamente modificados, sejam resistentes à infecção, ao contrário dos restantes.

Aplicação a seres humanos

Se esta hipótese se verificar num modelo animal, os investigadores avançarão para estender os seus resultados a humanos, abrindo caminho para que sejam desenvolvidos ensaios clínicos que testem novas terapias, baseadas no aumento dos níveis daqueles anticorpos no sangue. Seriam terapias mais acessíveis, conferindo a um maior número de pessoas protecção contra os efeitos graves que a infecção com *Plasmodium* provoca em crianças. Existem já algumas indicações que sugerem que o fenómeno protector dos anticorpos contra a flora intestinal poderá estar a actuar em humanos. Sabe-se que crianças com menos de cinco anos registam uma maior incidência de malária grave. Os investigadores estão convencidos de que esta observação se poderá dever aos baixos níveis daqueles anticorpos após o nascimento e durante os primeiros anos de vida. De facto, são necessários três a cinco anos para que os anticorpos se acumulem no sangue em concentrações estáveis, tornando as crianças (e adultos) menos susceptíveis à infecção por *Plasmodium* e, consequentemente, a formas graves de malária.
As equipas esperam poder concretizar as aplicações à saúde durante a segunda fase de financiamento. Para já, Bahtiyar Yilmaz, um estudante de doutoramento a trabalhar no grupo de Miguel Soares, dedica todo o seu tempo a implementar esta ideia, que a Fundação Gates acredita poder ter um "um impacto real na qualidade de vida de milhões de pessoas", numa clara demonstração da natureza internacional intrínseca da investigação científica.
O programa Grand Challenges Exploration deste ano recebeu mais de 2400 propostas. É uma iniciativa que apoia investigadores em todo o mundo a explorarem formas audaciosas e não ortodoxas de resolução de problemas de saúde pública em países em vias de desenvolvimento. Foram financiados cientistas em 16 países, em cinco continentes. Em Portugal, além de Miguel Soares e Henrique Silveira, também Miguel Prudêncio, do Instituto de Medicina Molecular (IMM), foi premiado com este financiamento, por um projecto que propõe desenvolver uma vacina para a malária. ■

Miguel Godinho Ferreira

Prémio Simbiontes para cientista do IGC

O Prémio Simbiontes, no valor de 10 mil euros, foi atribuído ao investigador Miguel Godinho Ferreira, do Instituto Gulbenkian de Ciência, pelo seu trabalho em oncobiologia. Este prémio é financiado por várias iniciativas do projecto Simbiontes, cuja primeira edição resultou de uma parceria da Associação Viver a Ciência (VAC) com o IPO de Lisboa e o Ar.Co (ver caixa).
Miguel Godinho Ferreira, investigador principal do grupo Telómeros e Estabilidade Genómica do IGC, explica como o prémio vai ser um incentivo para a investigação.

O Prémio Simbiontes resultou dum projecto de angariação de fundos para investigação em cancro que envolveu uma grande variedade de pessoas: crianças, cientistas, artistas e o grande público. Tem por isso um significado especial...
É uma honra receber o prémio, pela relevância que tem no panorama nacional e por resultar da contribuição do público. Gostava que as pessoas percebessem cada vez mais o valor da ciência na sua vida. Para tal é importante podermos explicar directamente o nosso trabalho a quem nos financia, neste caso a todos os que tornaram este projecto uma realidade. Os dez mil euros são um pequeno contributo, porque a ciência é muito dispendiosa, mas irá permitir-me avançar um pouco mais e ser um pouco mais audaz.

Do livro *Os Amigos da Menina do Mar*

O financiamento privado da ciência é um contributo importante para o seu desenvolvimento?

Nunca houve tanto investimento em Ciência em Portugal, principalmente público. E é por essa razão que cada vez mais estão a aparecer bons trabalhos científicos produzidos em Portugal e bons cientistas que querem trabalhar entre nós. No Instituto Gulbenkian de Ciência temos as condições para realizar o nosso trabalho sem compromissos. No entanto, Portugal parte de uma situação extremamente deficitária. Ainda são poucos os exemplos de excelência no nosso país e raras as instituições e empresas que aceitam o desafio da renovação de temas e pessoas. É preciso também dizer que o investimento público não é suficiente. Se queremos uma economia inovadora, temos de exigir uma aposta contínua na investigação científica. Daí a importância do investimento privado no fomento de uma indústria baseada no conhecimento científico e tecnológico que possa vencer no panorama internacional.

Em que tipo de investigação será aplicado este prémio?

Estamos interessados na Biologia do Cancro e na sua relação com o envelhecimento. O maior factor de risco do cancro é a idade; cerca de três quartos dos cancros aparecem em pessoas com mais de 60 anos. Gostaríamos de saber o que está por trás dessa associação. Pensamos que a resposta possa estar num relógio que existe na ponta dos nossos cromossomas, os telómeros. Quando nascemos, os telómeros são grandes; contudo, vão ficando cada vez mais curtos à medida que envelhecemos. Sabemos também que a enzima responsável pela manutenção dos telómeros, a telomerase, praticamente desaparece do nosso corpo quando nascemos. Se for possível manipular esta enzima de forma a que as células de organismos mais velhos "pensem" que não são assim tão velhas, talvez seja possível prevenir a ocorrência de cancro. Com este projecto, iremos tentar provar este conceito, posto aqui de forma simplista, em organismos modelo, para posteriormente ser possível a sua aplicação médica.

Projecto Simbiontes junta crianças, cientistas e artistas

A primeira edição do projecto Simbiontes, nascida de uma parceria da Associação Viver a Ciência (VAC) com o IPO de Lisboa e o Ar.Co, é um exemplo de aproximação da ciência aos cidadãos, envolvendo também a arte. Crianças, cientistas e artistas estiveram juntos numa campanha que conciliou entretenimento, pedagogia, criação artística, envolvimento do público com a ciência e angariação de fundos para a investigação em cancro.

Este projecto teve início em Novembro de 2008 com oficinas pedagógicas desenvolvidas com crianças em ambulatório no IPO, através da exploração do conto *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner. A partir desse imaginário e da interpretação do que aprenderam com ele, as crianças fizeram pinturas e desenhos e produziram uma exposição que foi leiloada no Natal de 2009, no Chiado, em Lisboa. A equipa do Simbiontes criou ainda um testemunho vivo dessas oficinas: o livro pedagógico *Os Amigos da Menina do Mar*, da autoria da bióloga da VAC Raquel Gaspar, com ilustrações do artista plástico do Ar.Co, Ângelo Encarnação. O livro explica aos mais pequenos alguns dos mistérios relacionados com as espécies marinhas que têm como contexto as personagens e os habitats do conto original de Sophia.

A venda dos quadros e dos livros, bem como de outras iniciativas permitiram financiar o Prémio Simbiontes.

Não estamos, portanto, a falar da cura do cancro?

A cura do cancro será um processo muito mais complexo e irá resultar de uma abordagem multidisciplinar. A nossa contribuição será para compreender como o cancro surge e como o poderemos travar. Queremos descobrir quais os mecanismos que existem em pessoas mais jovens que previnem o aparecimento de certos tipos de cancro, para os podermos aplicar a pessoas idosas e protegê-las também do desenvolvimento de cancro. A cura em si, para as pessoas que já o têm, será uma resposta diferente desta. Nós queremos apostar na prevenção. ■

A Imagem na Ciência e na Arte

Últimas conferências

O ciclo de conferências prossegue este mês com Boris Groys, filósofo, ensaísta, crítico de arte e teórico dos *media*, que estará no dia 19, às 18h, no Auditório 2, para proferir a palestra intitulada *Visiting Time: The Renegotiation of Time through Time-Based Art*. Segundo Boris Groys, na nossa cultura temos dois modelos diferentes que nos permitem sincronizar o tempo de contemplação e o tempo da própria obra de arte: imobilizando a obra de arte (num espaço museológico, num livro ou no ecrã do computador) ou imobilizando o espectador (num auditório, no cinema, em frente da televisão, etc.). O conferencista defende contudo que ambos os modelos falham no caso da chamada *time-based art*, quando tanto as imagens como os visitantes de um museu (numa instalação de vídeo, por exemplo) se mantêm em movimento. Em consequência desta situação, o visitante é remetido "para um estado de dúvida e de abandono", diz Boris Groys, explicando que "o tempo começa a ser experimentado, conceptualizado e esquematizado de uma nova maneira, através da renegociação da relação entre o tempo de contemplação e o tempo do processo contemplado".

Boris Groys nasceu em Berlim, mas viveu boa parte da sua vida na União Soviética. Estudou Filosofia e Matemática na Universidade de Leninegrado, nos anos 70, mergulhando depois na cena cultural não oficial de Leninegrado e Moscovo. Em 1981, emigrou para a Alemanha Ocidental. Este especialista em arte e literatura pós-moderna soviética, bem como nas vanguardas russas, é actualmente professor visitante em várias universidades na Europa e nos Estados Unidos, onde ficou conhecido por ter iniciado os leitores ocidentais na obra dos escritores pós-modernistas russos.

A última conferência deste ciclo, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com o Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, realiza-se em Fevereiro, com a professora de Neurologia e especialista em Neuroética Judy Illes, que irá abordar as implicações dos avanços na Neurotecnologia para a sociedade, numa comunicação com o título *Functional Images of the Brain: Beauty, Bounty, and Beyond*. ■

Programa Gulbenkian Ambiente

Think Tank sobre a Água e o Futuro da Humanidade

A primeira sessão de trabalho do *Think Tank*, grupo de reflexão criado em Julho deste ano, realizou-se nos dias 6 e 7 de Dezembro, na Fundação Gulbenkian. Os objectivos do *Think Tank*, que integra cerca de uma dezena de especialistas provenientes de diferentes países, passam por identificar os principais problemas relacionados com a água, a nível global, e a sua governança no horizonte de 2050.

A sessão pública de apresentação do *Think Tank* contou com intervenções de três membros do grupo: Jan Lundqvist (Instituto Internacional de Água, Estocolmo), Peter Gleick (Pacific Institute, Califórnia) e Sunita Narain (Center for Science and Environment, Nova Deli). Benedito Braga (Brasil), Colin Chartres (Austrália), William J. Cosgrove (Canadá), Pavel Kabat (Holanda), Mohamed Ait Kadi (Marrocos), Daniel P. Loucks (EUA) e Jun Xia (China) são os outros elementos que constituem o *Think Tank*, coordenado por Luís Veiga da Cunha.

Na sua intervenção, Jan Lundqvist relacionou água com segurança alimentar, salientando que a solução para suprir as necessidades da população mundial – cerca de nove mil milhões de pessoas em 2050, segundo as últimas estimativas – não passará pelo aumento da produção alimentar, o que implica uma utilização intensiva de recursos, mas antes por dar mais atenção à eficiência da cadeia alimentar. "O Plano B", sugeriu, "é melhorar a logística para armazenamento de produtos alimentares, evitando o desperdício." Lundqvist chamou a atenção para as estatísticas, dizendo que nem sempre traduzem a realidade. Se, entre 2007 e 2008, a oferta alimentar mundial aumentou cinco por cento, ficou demonstrado que, em paralelo, houve um aumento de 150 milhões de pessoas subalimentadas (enquanto, paradoxalmente, a população obesa ou com excesso de peso também aumentou).

Peter Gleick, por sua vez, alertou para os excessos na exploração dos recursos hídricos, que estarão a atingir o seu limite em vários pontos do globo. "A água tem uma característica incomum: é simultaneamente um recurso renovável quanto a reservas, mas não renovável quanto ao fluxo", explicou, dando como exemplo o caso do rio Colorado, que, devido ao número de barragens construídas, já não desagua actualmente no golfo do México. Alertou ainda para o prejuízo ambiental que, a partir de certa altura, excede o benefício económico que conseguimos obter da produção que utiliza a água.

A última intervenção nesta sessão pública coube a Sunita Narain que defendeu a necessidade de "reinventar a utilização da água", sugerindo várias medidas neste sentido. A insustentabilidade do actual sistema de gestão da água foi ilustrada com o aumento de conflitos na Índia relacionados com a água, que está a tornar-se cada vez mais cara e inacessível, gerando grandes desigualdades. "Consumir água com frugalidade não significa pobreza", defendeu, sugerindo a criação de um *ranking* para premiar cidades que façam um consumo menor de água. Diminuir a dependência de recursos hídricos longínquos, desenhar um sistema em que todos possam ter acesso à água e tratar localmente os resíduos, foram outros aspectos que focou na sua apresentação. No final, ficou uma mensagem clara: "Crescimento sem poluição". ■

PLATAFORMA IMIGRAÇÃO

Galardoados 2010

O **Prémio Empreendedor Imigrante 2010** da Plataforma Imigração foi atribuído *ex aequo* a **Ana Pérez**, imigrante venezuelana a residir em Portugal há doze anos, programadora cultural, fundadora do Coro Gregoriano de Penafiel e empreendedora social, e **Leila Sadeghi**, iraniana residente em Portugal há cinco anos, e empresária na área da estética e beleza.

A **Distinção de Melhores Práticas Autárquicas 2010** foi entregue à **Câmara Municipal de Valongo** pelo projecto Valorizar a Diferença.

O Prémio Empreendedor Imigrante do Ano é atribuído ao imigrante que revele maior empreendedorismo e responsabilidade social e que seja, simultaneamente, um exemplo de integração proactiva e inovadora; a Distinção de Melhores Práticas Autárquicas em integração de imigrantes é atribuída à autarquia que tenha desenvolvido, no ano anterior, o projecto mais integrador e que permita um melhor acolhimento dos cidadãos imigrantes fixados no concelho.

Vencedoras do Prémio Empreendedor Imigrante

Ana Pérez, venezuelana, licenciou-se em Direcção Coral Infantil e em Semiologia e Paleografia do Canto Gregoriano. Fundou o Coro Gregoriano de Penafiel e o Coro da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que dirigiu durante três anos em regime de voluntariado. Criou ainda o Festival Coral de Natal, uma iniciativa que passou a reunir, num único evento, todos os grupos corais da região do Vale do Sousa, e o Festival Coral Internacional.

Ana Pérez tem desenvolvido diversos projectos que cruzam a música com a solidariedade social, como o Música a Brincar e o Porto de Orfeu, uma iniciativa levada a cabo em duas instituições para pessoas portadoras de deficiência, em Paços de Ferreira e Penafiel. Tem realizado várias acções para a generalização do ensino da Música no Porto. É ainda coordenadora do projecto da Casa da Música A Orquestra Vai à Escola e criou a empresa Plano Utópico, para gestão e consolidação de projectos educativos na área da música.

Leila Sadeghi, iraniana, é licenciada em Literatura Inglesa, mas também fez vários cursos de maquilhagem, caracterização e *face styling*, áreas que a apaixonam.

Depois de ter trabalhado em vários locais e introduzido algumas técnicas novas, na área da estética, abriu o seu primeiro instituto de beleza onde pôde desenvolver essas técnicas inexistentes ou muito raras no mercado português. Hoje tem um segundo centro e pretende lançar uma loja *online* de produtos de beleza orientais. Além de, nos tempos livres, oferecer os seus serviços a idosas do Centro de Dia de Penacova, dez por cento dos seus rendimentos revertem a favor de instituições de solidariedade, como a Unicef ou a Sol.

Distinção de Melhores Práticas Autárquicas – um vencedor, duas menções honrosas

O projecto **Valorizar a Diferença** teve a duração de dez meses e consistiu numa série de iniciativas dirigidas, embora não exclusivamente, aos imigrantes do concelho de Valongo, com o objectivo de contribuir para a sua integração social, económica e profissional. Festival da Interculturalidade, Biblioteca Humana (com base no slogan "Não julgues o livro pela capa"), Espaço Emprego Imigrante, Feira de Emprego e Formação e participação de comunidades imigrantes na Expoval, para apresentação das suas danças e cantares típicos, foram algumas das iniciativas desenvolvidas pelo município de Valongo no âmbito do projecto.

Na mesma categoria, foram ainda atribuídas duas menções honrosas:

À **Câmara Municipal de Lisboa**, pelo projecto TODOS – Caminhada de Culturas, realizado no eixo Almirante Reis-Mouraria-Martim Moniz, e que, através do convite aos lisboetas para que explorem as lojas, os restaurantes ou os cabeleireiros daquela zona, pretende destruir barreiras culturais e criar um elo entre os habitantes de Lisboa e as comunidades imigrantes.

À **Câmara Municipal de Sintra**, pelas acções comemorativas do Dia Municipal do Imigrante 2009, que incluíram actuações de comunidades imigrantes (capoeira, kuduro, percussões, hip-hop e outras danças e músicas tradicionais) e que tiveram em vista o reconhecimento da forte presença e do contributo dos cidadãos imigrantes na vida local. ■

Casa Desabitada, 2004

Sem Título, 1968

Muros de Abrigo Ana Vieira

CAM | 13 de Janeiro a 27 de Março | Curadoria: Paulo Pires do Vale

Muros de Abrigo propõe uma releitura da obra de Ana Vieira (Coimbra, 1940), num olhar retrospectivo desde o final dos anos 60 até ao presente, mostrando o seu lugar singular na arte contemporânea e a sua incessante criatividade e preocupações que aí permanecem.

O título da exposição é retirado do relato de uma memória de infância da artista, onde recorda como diariamente se dirigia para os muros de abrigo no fundo da quinta dos pais, em São Miguel (Açores). O título permite novas aproximações: em primeiro lugar, é o próprio *muro de abrigo* da arte sacralizada no seu pedestal que é posto em causa, num *esvaziamento* que questiona o seu poder e função (o primeiro núcleo da exposição); por outro lado, as suas obras interrogam o modo de percepção do mundo, levantando barreiras, véus, dificuldades, *muros*. Neste segundo núcleo, mais do que dar a ver, as obras dão a *não ver*, dirigindo o visitante a, literalmente, atravessar o "branco".

Desde o início, a obra de Ana Vieira é marcada não apenas pela descrença na pintura – a disciplina que a artista estudou em Belas-Artes –, mas pela interrogação do poder e da impotência da obra de arte. As obras que abrem a exposição são prova disso: uma pintora que se recusa a pintar, uma escultora que anuncia a ausência no espaço, retirando-se ou afastando-nos. Trata-se de um processo evidente no meio artístico dos anos 60-70 em que Ana Vieira começa a trabalhar – a revolta contra o plinto e a moldura. Contra a obra sacralizada, fechada e afastada da existência, reivindicando uma arte viva, participada, partilhada não só na recepção, mas já na sua produção. A sua obra é arte da *saída* das disciplinas e suportes tradicionais, dos conceitos e expectativas, mesmo dos dogmatismos artísticos seus contemporâneos.

Outra característica importante da obra de Ana Vieira é a de traçar territórios, delimitar. A obra retira-se do real para a ele regressar de modo mais poderoso. É, assim, uma retirada temporária. A obra é uma espécie de *abrigo temporário*, habitado no regime da provisoriedade. Nela não há morada permanente. ■

Casa Comum
Obras da Colecção do CAM

CAM | 13 de Janeiro a 27 de Março | Curadoria: Leonor Nazaré

A casa é o lugar em que projectamos os mais inconscientes e elementares desejos de protecção, calor, reconhecimento e recolhimento e até de estímulo afectivo, estético, sensorial e cognitivo. Nela vivemos à escala de um pequeno mundo, as dimensões variadas em que a vida nos acolhe e interpela; idealmente, ela permite-nos o sono e a intimidade, a fantasia, o espaço privado e a modelação da "abertura" ao exterior.
A casa está associada à família e ao alimento, como à arquitectura, à construção e à paisagem, ao interior e ao limiar, à individuação e à agregação colectiva. Nela se reúnem, por isso, arquétipos fundamentais da constituição do humano.
A exposição que o CAM apresenta, relacionada com a mostra de Ana Vieira, remete-nos para esses arquétipos, através de obras de 31 artistas da sua colecção do início do século XX ao século XXI. São eles: Amadeo de Souza-Cardoso, António Areal, António Carneiro, Bernardo Marques, Carlos Botelho, Emmerico Nunes, Fernando Lemos, Filipa César, Gil Heitor Cortesão, Graça Pereira Coutinho, Thomas Weinberger, João Abel Manta, Joaquim Bravo, Jorge Barradas, José de Almada Negreiros, José Dominguez Alvarez, José Pedro Croft, Julião Sarmento, Júlio Resende, Lourdes Castro, Manuel Amado, Manuel Bentes, Maria Beatriz, Mário Eloy, Nadir Afonso, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Pedro Gomes, Rui Filipe, Sarah Affonso e Thomaz de Mello (Tom). ■

Graça Pereira Coutinho, Pintura (série Porta Etrusca), 1989

Não Confiem nos Arquitectos
Didier Faustino

CAM | 13 de Janeiro a 3 de Abril | Curadoria: Isabel Carlos

Didier Faustino (Paris, 1968), arquitecto de formação, tem explorado as relações entre a arquitectura e as artes plásticas. A exposição que o CAM apresenta, **Não Confiem nos Arquitectos**, é composta por múltiplos suportes, desde o vídeo à instalação sonora, passando pela escultura e performance, e será a maior do autor realizada em Portugal.
Didier Faustino mostrará obras completamente inéditas – *Don´t Trust Architects*, *Fiduccia* e *Motion Capture* – e apresentará as suas obras mais recentes *Exploring Dead Buildings* e as esculturas *Instrument for Blank Architecture*.
Exploring Dead Buildings é um vídeo filmado na Geórgia, no edifício abandonado do Ministério das Estradas da República Soviética da Geórgia. O vídeo mostra a descoberta deste espaço delapidado por um módulo não motorizado sobre rodas que é deslocado por dois operadores. Iluminado apenas por dois focos alimentados por uma bateria, a câmara move-se lentamente através da escuridão e dá a descobrir a complexidade desta arquitectura morta.
Instrument for Blank Architecture é um dispositivo de audição móvel, que se adapta ao espaço que está a ocupar. Geralmente usado por topógrafos para documentar terrenos e topografias, o tripé é aqui equipado com um dispositivo que balança, para se tornar num instrumento dedicado à exploração de paisagens mentais. ■

ResPublica
1910-2010 Face a Face
Últimos dias

Joana Vasconcelos @ Fotografia: Paulo Costa

Esta mostra não pretende celebrar, mas sim interrogar dois séculos, reunindo obras de 67 artistas, produzidas no início de cada século. Entre os artistas do século XX estão representados, entre outros, Columbano, Rafael Bordalo Pinheiro, Eduardo Viana, Leal da Câmara ou Adriano Sousa Lopes. Nomes de diferentes gerações ilustram o século XXI: Paula Rego, Jorge Pinheiro, Maria Lusitano, Bruno Pacheco ou João Pedro Vale, entre muito outros.

A mostra apresenta ainda uma instalação sonora da artista vencedora do Prémio Turner 2010, o mais importante prémio de arte britânica. Susan Philipsz, artista escocesa de 45 anos, criou para o espaço do Jardim Gulbenkian (acesso pela porta de saída do bar do foyer) um contexto sonoro, fazendo ouvir, por entre as árvores, uma interpretação sua de uma canção popular do século XVI, *Woods so Wild* de William Byrd.

O carácter inesperado desta instalação, colocada num espaço delimitado do jardim, é acrescido de um redobrado efeito de envolvimento estético dado pelo som. A obra acaba por ser mais intimista do que exactamente pública, mas o seu lugar é exterior e aberto à passagem. A canção e a sua fantasia elevam paredes invisíveis que a atmosfera e a vegetação tentam anular num jogo de forças permanente.

Susan Philipsz foi um dos artistas convidadas pelas comissárias da exposição (Helena de Freitas e Leonor Nazaré), juntamente com Joana Vasconcelos e Xana, para criar uma instalação que ilustrasse, no discurso expositivo, a dimensão de obras em espaço público. **Até dia 16 de Janeiro**. ■

Are you ready Lola?
Pintura de Lisa Santos Silva em Paris

Ecce, Paris, 2006 © Fotografia: Charles Duprat

A exposição que o Centro Cultural Calouste Gulbenkian apresenta de 17 de Janeiro a 8 de Abril, em Paris, mostra a produção dos últimos cinco anos de Lisa Santos Silva (residente na capital francesa desde o final da década de 70). Dezoito óleos sobre linho remetem-nos para um tempo antigo – técnica, cores, iconografia, títulos –, mas profundamente contemporâneos no modo como desestabilizam quem os olha e como se impõem como presenças absolutas e únicas. São retratos intemporais, intrigantes e sedutores, com títulos como *La Grande Ménine*, *La Religieuse*, *Diamonds are a girl´s best friend* ou *Ecce*, e que estão suspensos entre tempos, tradições pictóricas e linguagens. A exposição mostra estes retratos-corpos-presenças, mas também paisagens intituladas *Adieu les Colonies*, que por sua vez, reenviam para outros espaços e atmosferas, igualmente suspensas e irreconhecíveis em termos de referência a lugares particulares e reais.

O título da exposição é retirado de uma das pinturas mais recentes, mas remete igualmente para o momento de suspensão do filme de Max Ophüls *Lola Montès* (1955), em que o director do circo, o actor Peter Ustinov, pergunta a Lola, a personagem interpretada por Martine Carol, antes de ela saltar do trapézio: «Are you ready, Lola?»

Oportunidade para ver uma obra radicalmente única em termos de imaginário. ■

Vista parcial dos instrumentos recolhidos @ Fotografia: Márcia Lessa

Mário Laginha Trio @ Fotografia: Márcia Lessa

A Menina do Mar, por Beatriz Batarda e Bernardo Sassetti @ Fotografia: Márcia Lessa

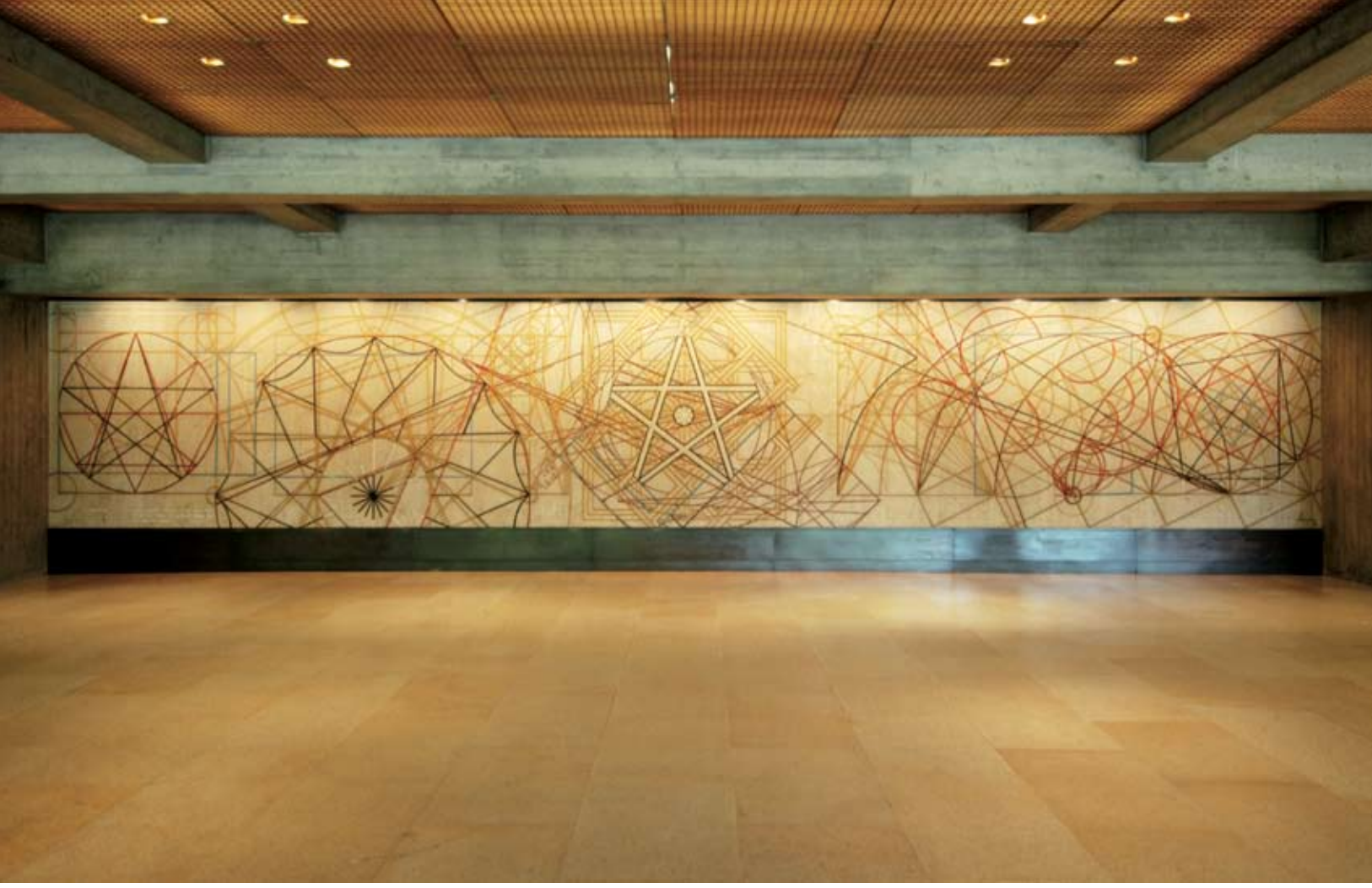
Arranjo de instrumentos @ Fotografia: Márcia Lessa

Música por uma Causa

Quase 400 instrumentos musicais doados num só dia

Ao longo do **dia 12 de Dezembro** foi possível recolher **386** instrumentos musicais, entre guitarras, flautas, trompetes, clarinetes, violoncelos, violinos, órgãos, baterias e outros instrumentos. No final da campanha, o número de instrumentos recolhidos ultrapassou os 400. Segundo o director do Music Fund, Lukas Pairon, este número foi "o maior de sempre" em todas as campanhas já realizadas. O evento já decorreu nas cidades de Paris, Berlim, Amesterdão e Madrid. O próximo realiza-se em Itália, na cidade de Milão.

Além da recolha de instrumentos, o dia apresentou uma programação musical variada que incluiu concertos, exibição de documentários, debates e oficinas de instrumentos. Música Por Uma Causa contou com a participação *pro bono* de inúmeros artistas e intérpretes que decidiram associar-se a esta acção de solidariedade. Apresentada pela primeira vez em Portugal, a campanha foi fruto de uma parceria com o **Music Fund**, uma instituição internacional fundada em 2005, que apoia a formação musical de jovens de países em desenvolvimento e em zonas de conflito. ■



Interior do Edifício-Sede com painel de Almada Negreiros @ Fotografia: Márcia Lessa

Edifício-Sede e Parque da Fundação Gulbenkian Monumentos nacionais

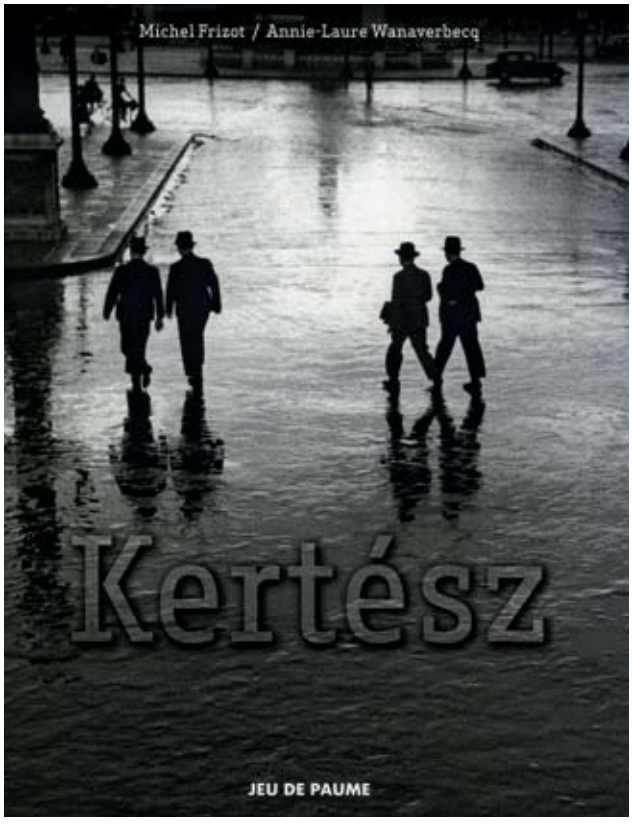
O edifício-sede e o parque da Fundação Calouste Gulbenkian foram classificados monumentos nacionais, a 4 de Novembro de 2010. Em comunicado do Conselho de Ministros, pode ler-se que o conjunto do edifício-sede e do parque da Fundação Calouste Gulbenkian, Prémio Valmor de 1975, "constitui uma obra de dimensão, programa e competência técnica excepcionais, de importância e significado referenciais na arquitectura nacional e internacional."

Concebidas pelos arquitectos Ruy Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa, as instalações da Sede da Fundação foram inauguradas em 1969 e integram, para além das áreas reservadas à administração e aos serviços, um Grande Auditório, espaços para exposições temporárias, uma zona de congressos, dispondo de vários auditórios e salas, e um edifício próprio que alberga o Museu Calouste Gulbenkian e a Biblioteca de Arte.

Este edifício está inserido no parque Gulbenkian, projectado pelos arquitectos António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles. Os jardins são considerados como um dos mais emblemáticos exemplos do movimento moderno em Portugal e uma referência para a arquitectura paisagista portuguesa.

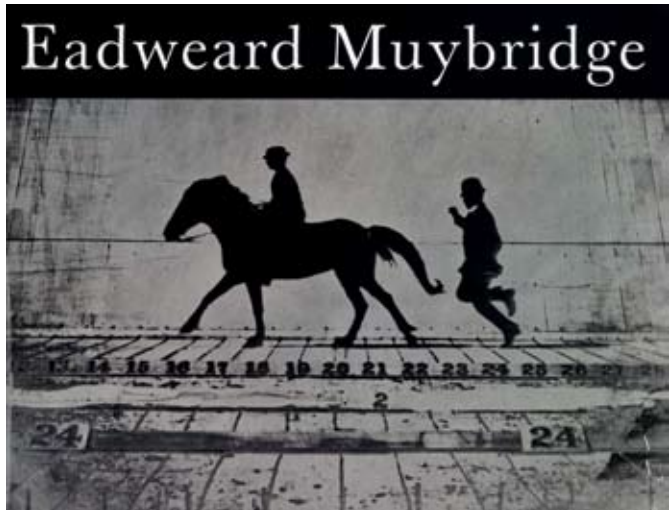
O mesmo diploma do Conselho de Ministros aprovou ainda a classificação como monumentos nacionais da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, do Jardim Botânico de Lisboa e do Campo da Batalha de Aljubarrota e área envolvente, também designado por Campo Militar de S. Jorge de Aljubarrota. ■

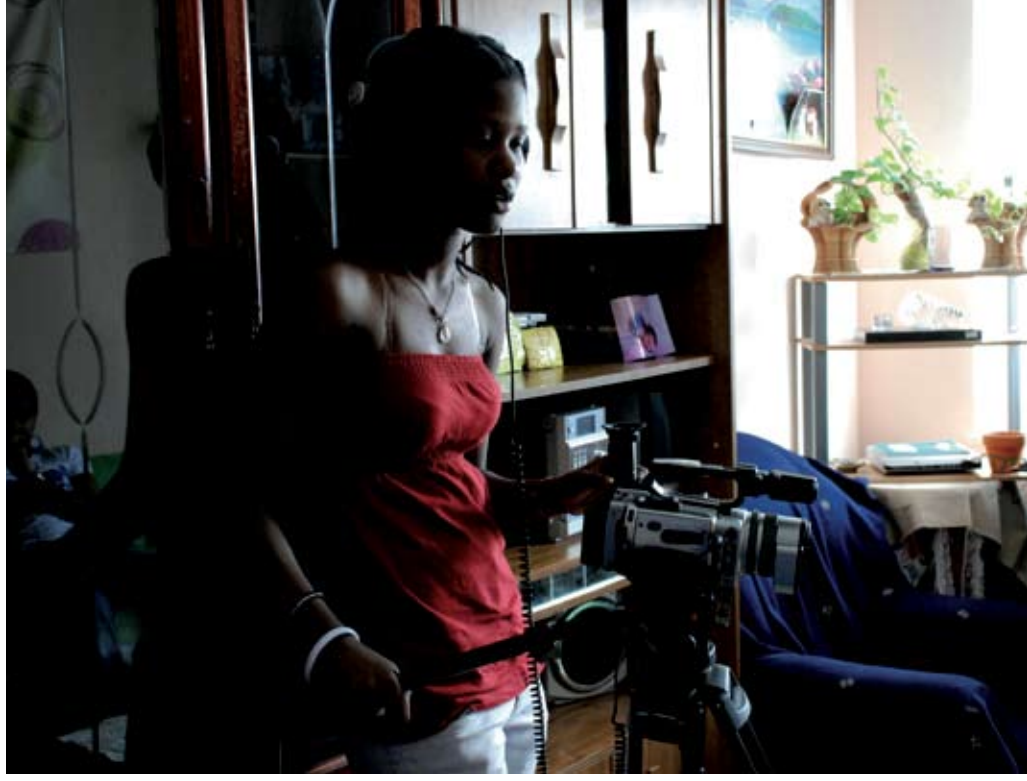
Catálogos da Biblioteca de Arte



Até 6 de Fevereiro, parte do espaço expositivo do Jeu de Paume (Paris) estará ocupado com as fotografias de André Kertész, nascido em Budapeste em 1894 e falecido em Nova Iorque em 1985. A capital francesa é a primeira cidade na Europa a admirar a obra de Kertész, que se apresentará seguidamente em Winterthur (26 de Fevereiro a 15 de Maio), Berlim (11 de Junho a 11 de Setembro) e Budapeste (30 de Setembro a 31 de Dezembro). Esta exposição é uma espécie de "regresso a casa", já que, antes de partir para a América, em 1936, André Kertész viveu cerca de 10 anos em Paris e, durante esse tempo, colaborou com revistas e jornais alemães. Mostra-se pela primeira vez um conjunto de 300 fotografias – entre provas e originais –, organizado cronologicamente para abranger os diversos períodos criativos e permitir uma visão mais completa da evolução estética da linguagem fotográfica de André Kertész. Para documentar a exposição, foi elaborado um catálogo-monografia, ambos realizados com a colaboração da The André and Elizabeth Kertész Foundation (Nova Iorque) e da Médiahtèque de l'architecture et du patrimoine (Paris), instituição que detém a doação feita pelo fotógrafo ao Estado francês. Adoptando a mesma organização da exposição, os textos que acompanham a reprodução das imagens pretendem sublinhar a importância, o contributo e a singularidade do olhar de André Kertész no contexto da história da fotografia do século XX. ■

O dia 16 de Janeiro será a última oportunidade para visitar, na Tate Britain em Londres, uma exposição que revela a obra de um dos fotógrafos mais inovadores e notáveis na história da fotografia: Eadweard Muybridge (1830-1904). Nascido em Inglaterra, Muybridge desenvolveu a grande parte das suas experiências fotográficas nos Estados Unidos, para onde emigrou com 22 anos e onde viveu até 1894, ano em regressou à sua terra natal. A exposição da Tate é a maior retrospectiva que já se dedicou a este fotógrafo, apresentando cerca de 150 trabalhos que incluem não só as suas mais conhecidas imagens de animais e seres humanos em movimento, como também as suas menos divulgadas, mas surpreendentes e sublimes paisagens, realizadas nas suas viagens pelo continente americano. Na impossibilidade de uma deslocação a Londres, o extenso catálogo que foi publicado é uma excelente alternativa para o conhecimento da obra de Eadweard Muybridge, que influenciou outros artistas como Marcel Duchamp, Francis Bacon, Jasper Johns e Douglas Gordon, por exemplo. O catálogo, tal como a exposição, tem a assinatura de Philip Brookman, curador-chefe da Corcoran Gallery of Art (Washington), e reproduz mais de 200 fotografias de Muybridge, contextualizadas e analisadas em diversos textos, contendo ainda uma bibliografia seleccionada que inclui sítios web dedicados a este fotógrafo. ■





Filmes do projecto Belonging continuam a correr mundo

As curtas-metragens realizadas no âmbito do projecto Belonging, que a Fundação Calouste Gulbenkian apoiou em 2008, continuam a correr mundo. Desta vez foi *Saudade*, realizada por um jovem habitante do bairro de realojamento do Casal da Boba, Amadora, que foi exibida no México, no âmbito da Conferência da UNESCO sobre políticas de desenvolvimento urbano.

Belonging é um projecto que apela à reflexão sobre a pertença a um país, a uma comunidade ou a um bairro. Com este projecto, vários jovens de zonas urbanas periféricas de Lisboa, Paris e Londres (cidades onde a Fundação Gulbenkian está presente), tiveram a oportunidade de participar numa série de *workshops*, onde aprenderam diversas técnicas de produção cinematográfica – como a iluminação, a captação de som, a operação de câmara ou a edição –, tendo sido depois desafiados a pôr em prática o que aprenderam num pequeno filme que mostrasse o que, para eles, significa "pertencer". Esta iniciativa deu origem a um conjunto de curtas-metragens portuguesas, inglesas e francesas que têm percorrido festivais de cinema do mundo inteiro, entre outros eventos internacionais.

(www.manifesta.org.uk/videos/belonging-videos.html) ■

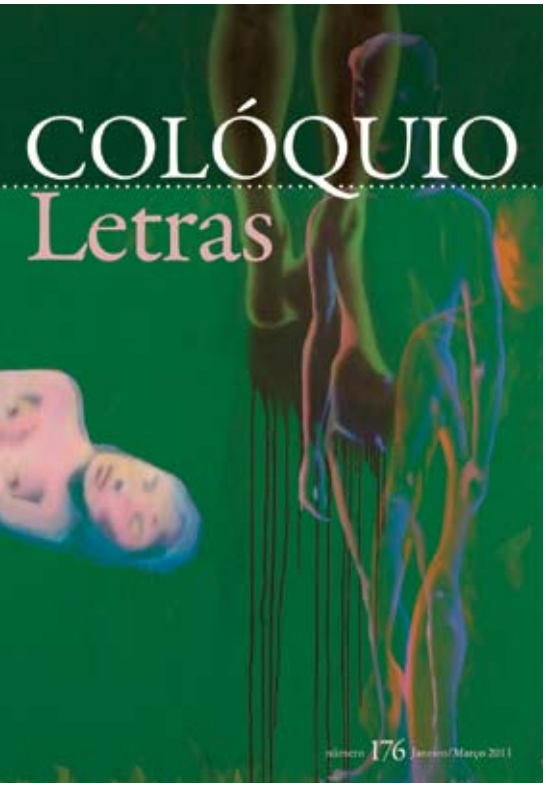
Programa Gulbenkian de Apoio às Artes Performativas

O novo Programa Gulbenkian, coordenado por António Caldeira Pires, é, desde 1 de Janeiro, o responsável pela atribuição de apoios nas áreas de Cinema, Dança e Teatro através dos seguintes campos de intervenção: investigação, valorização profissional, divulgação e internacionalização.

No Cinema, o Programa concederá apoios a filmes de carácter experimental, num quadro artístico multidisciplinar, privilegiando os projectos de cineastas em início de carreira.

Na área da Dança, o Programa tem como objectivos a promoção da qualificação das estruturas e dos profissionais do sector, sob a forma de apoios pontuais dirigidos para o desenvolvimento técnico, investigação e internacionalização.

Por último, no Teatro, os apoios destinam-se sobretudo a primeiras criações na área da encenação, à optimização das condições de funcionamento das estruturas e a projectos de carácter inovador que privilegiem o intercâmbio da criação e da investigação artísticas conducentes à internacionalização. ■



A obra de Sophia na Colóquio/Letras

O novo número da revista Colóquio/Letras é dedicado, em grande parte, à obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, no mês em que se realiza o congresso internacional sobre a autora e que decorrerá nos dias 27 e 28 na Fundação Gulbenkian, em colaboração com o Centro Nacional de Cultura.
Giulia Lanciani, Piero Ceccucci, Pedro Eiras, Richard Zenith, Luis Maffei, Rosa Maria Martelo, Paula Morão, Teresa Amado e Maria Andresen de Sousa Tavares assinam artigos sobre a obra e o espólio da autora de Livro Sexto. São ainda publicados depoimentos de Gastão Cruz, Michel Chandeigne, Ponç Pons e Eucanaã Ferraz. A crónica é de Miguel Sousa Tavares – Roma, Piazza Navona.
Para além do vasto número de recensões, abrangendo as mais diversas áreas, dão-se a conhecer inéditos de Yves Bonnefoy, António Osório, Pedro Tamen, Ana Luísa Amaral e Eucanaã Ferraz. Yves Bonnefoy e Ana Marques Gastão assinam artigos no âmbito da temática Literatura e outras Artes. As imagens deste número são do artista plástico Jorge Martins. ■

Formação académica em Cuidados Paliativos

A Fundação Gulbenkian decidiu apoiar um programa de formação académica em Cuidados Paliativos, em parceria com o King's College London / Cicely Saunders Institute, que inclui bolsas de mestrado e doutoramento, bem como programas de investigação associados. A parceria pretende qualificar profissionais para avaliar modelos, práticas, custos, qualidade e escolhas nesta área, à semelhança de outros países, onde se estão a constituir núcleos universitários de reflexão e produção teórica, que conjugam áreas de Medicina, Economia e Sociologia. Os graus académicos serão conferidos pela Universidade de Londres, com supervisores do King's College, e o trabalho de campo será parcialmente efectuado em Portugal, nas Unidades Domiciliárias de Cuidados Paliativos apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.
Ainda na área dos Cuidados Paliativos, o Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação, em parceria com a JB Fernandes Memorial Trust I (Rockefeller Philanthropy Advisors) e o Instituto Politécnico de Beja, organizou dois simpósios em Cuidados Paliativos, no final do ano passado, em Lisboa e em Beja. Em foco estiveram temas como a gestão da dor, cuidados paliativos em doentes oncológicos e comunicação de más notícias, abordados por especialistas como Marcos Montagini (director do Programa de Cuidados Paliativos – VA Ann Arbor Healthcare System, Michigan), Thomas Smith (director no Thomas Palliative Care Center, Virgínia) e Lidia Schapira (Massachusetts General Hospital, Boston). ■

Estudar a Saúde Mental

Dezasseis profissionais de saúde de vários continentes frequentam, desde Setembro, em Lisboa, a segunda edição do International Masters in Mental Health Policy and Services. Destinado à construção das políticas para os serviços de saúde mental, o curso, coordenado por José Miguel Caldas de Almeida e Benedetto Saraceno, tem a duração de um ano e conta com um corpo docente formado por algumas das figuras mundiais mais prestigiadas nesta área.
Organizado em conjunto pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e pelo Departamento de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde, a iniciativa tem o apoio da Fundação Gulbenkian. ■

Mais Europa e menos União Europeia?

A pergunta serve de título à próxima conferência europeia no Centro Cultural Gulbenkian, em Paris, a 25 de Janeiro. O convidado será **Hans Martens**, director do **European Policy Centre**, cuja intervenção se centrará nos grandes desafios europeus e na forma de encontrar respostas para lhes fazer face. A governança económica e o futuro do euro, as alterações climáticas e a energia, bem como a adopção de uma política externa concertada, são alguns dos elementos da conferência de Hans Martens, que será apresentado pelo antigo comissário europeu António Vitorino. ■

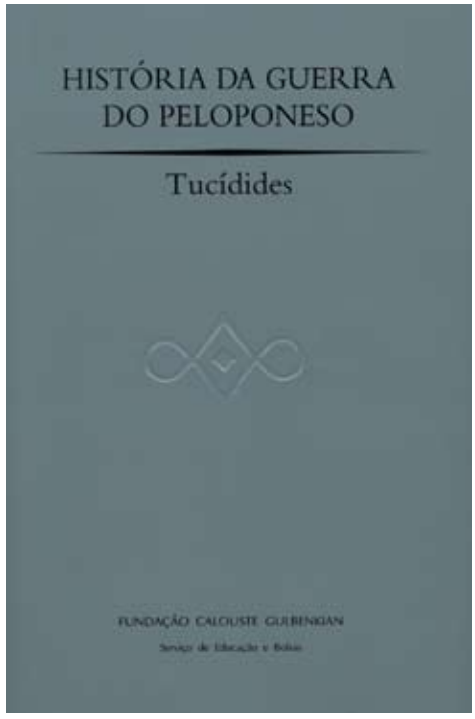
Novas bolsas para investigar Doenças Tropicais Negligenciadas

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma das cinco fundações europeias reunidas numa parceria destinada a combater as designadas doenças tropicais negligenciadas, que afectam cerca de mil milhões de pessoas em todo o mundo.

No âmbito desta iniciativa que envolve ainda as Fundações Volkswagen, Mérieux, Nuffield e Cariplo, a Fundação Gulbenkian atribuiu, este ano, quatro bolsas de Doutoramento para licenciados dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. O objectivo é estimular a investigação das Doenças Tropicais Negligenciadas nos países de origem dos candidatos. Uma parte da formação do candidato será realizada em universidades e instituições científicas europeias e a componente de investigação do doutoramento deverá ter lugar, pelo menos parcialmente, numa instituição de investigação do país de origem do bolseiro. O ano passado, a Fundação concedeu três bolsas de Doutoramento, uma bolsa de Mestrado e duas bolsas de estágio de curta duração nesta área. ■

Nova directora na Residência André de Gouveia

Ana Paixão é a nova directora da Residência, mais conhecida por Casa de Portugal da Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP). Doutorada em Literatura Comparada, Ana Paixão tem trabalhos de investigação no domínio da Semiótica Musical, Música e Literatura e Retórica e Técnicas de escrita literárias, para além de ser membro da International Association for Semiotic Studies e também do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. ■



Primeira tradução do original por Raul Rosado Fernandes

Num teatro de guerra delimitado pelo Mediterrâneo oriental, duas grandes potências helénicas do século V a.C. vão defrontar-se: Lacedémon, mais conhecida dos modernos por Esparta, e Atenas. No princípio desse mesmo século, a Grécia tinha sido invadida pelos soldados de Xerxes, imperador da Pérsia. Unidos, Espartanos e Atenienses obtiveram vitória retumbante sobre o inimigo. Mas não muitos anos depois, com o aumento do poderio ateniense, que submetera inúmeras colónias gregas em toda a Ásia Menor e no mar Egeu, os Espartanos temeram que Atenas acabasse por se tornar soberana de todo o território helénico. A Guerra do Peloponeso teve início quando Péricles estava no poder, com a invasão da Ática e, quase simultaneamente, o rebentar da peste em Atenas, um fenómeno que Tucídides examina de forma racional nesta obra, com uma atenção tão científica quanto possível, procurando as origens do mal sem recorrer a causas sobrenaturais. A **História da Guerra do Peloponeso**, conflito em que Tucídides participou directamente, tendo sido nomeado estratega e comandante da esquadra ateniense em operações na costa da Trácia (actual Bulgária), constitui assim o exemplo de uma profunda transformação no pensamento helénico, aparecendo num largo contexto que pressupõe uma nova visão do mundo, em que a Razão se sobrepõe e domina.

Tucídides constrói com a sua **História** um "legado para sempre", que conserva intacta a sua impressionante actualidade. Ambição, traição, desprezo pelo próximo, são as constantes do longínquo século V a.C. até hoje. Diz Raul Rosado Fernandes, no prefácio: "Tucídides, o nosso historiador, intelectual e guerreiro, tem para o seu tempo uma visão que quase diríamos cínica, porque, temos de confessá-lo, se aproxima da nossa, a respeito dos que se dedicam à política, à justiça, à oratória, ao conhecimento mais profundo do Homem, e consequentemente à guerra."

A obra é a primeira tradução directa do grego e foi apresentada ao público na Festa dos Livros. ■

Juízes e Administração da Justiça no Antigo Regime. Portugal e o império colonial, séculos XVII e XVIII
Nuno Camarinhas

Arqueologia da Mediação
José António Domingues

Reedições

Teeteto (3ª edição)
Platão

Pedagogia Geral (2ª edição)
Johann Friedrich Herbart

Mecanismo financeiro de apoio à elaboração de projectos de Cooperação para o Desenvolvimento

A Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com as Fundações EDP, Portugal-África e Luso-Americana para o Desenvolvimento, decidiu criar um fundo financeiro de apoio à elaboração de projectos de Cooperação, por parte das Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD) portuguesas, a que se associou o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD). Esta iniciativa destina-se a apoiar financeiramente as ONGD na elaboração de candidaturas a diversos financiamentos internacionais, matéria que requer preparação, conhecimentos e recursos financeiros. As ONGD têm um papel fundamental no combate à pobreza e na ajuda aos países em desenvolvimento.

A ideia da criação deste Mecanismo surgiu das conclusões reveladas por um estudo elaborado pela TESE, em 2009, no âmbito do Grupo de Trabalho de Financiamento do Fórum da Cooperação para o Desenvolvimento e financiado por três das Fundações promotoras – EDP, Calouste Gulbenkian e Portugal-África. Este estudo destinava-se a analisar as oportunidades de financiamentos internacionais disponíveis para as ONGD nacionais, bem como a necessidade e viabilidade da criação de um mecanismo financeiro para apoio à elaboração de candidaturas àqueles financiamentos.

Podem candidatar-se ao Mecanismo de Apoio as organizações que estabeleçam parcerias com entidades públicas e privadas sem fins lucrativos, em particular dos países parceiros, nas seguintes áreas: ensino, educação e cultura; assistência científica e técnica; saúde, incluindo assistência médica, medicamentosa e alimentar; emprego e formação profissional; protecção e defesa do ambiente, incluindo o abastecimento de água, saneamento e energia; integração social e comunitária; desenvolvimento rural; reforço da sociedade civil, através do apoio a associações congéneres e associações de base nos países em vias de desenvolvimento.

A entidade gestora do Mecanismo é a Fundação Calouste Gulbenkian. Para mais informações, poderá enviar e-mail para pgadsaude@gulbenkian.pt ■

Outros apoios

Criação artística

Apoio aos seguintes projectos: **Viagem ao interior das cidades imaginadas** (multidisciplinar) de Carla Rebelo; **Marrocos: investigação sobre a vivência do Tempo** (fotografia) de Catarina Botelho; **Reservatório de mutações** (fotografia, vídeo e desenho) de Emanuel Brás; **Viv'Alice** (multidisciplinar) de Henrique Neves Lopes; **Espaço-Som** (multidisciplinar) de Inês Botelho; **Logo depois da vírgula** (desenho) de Mathia Sébastian Denisse; **O Diário Íntimo da Mulher-Pássaro** (desenho/filme/instalação) de Rita de Sousa Cortez Pinto.

Escola de Verão contra o racismo

Apoio à realização de Journalism Training, Discrimination & Diversity, a realizar no próximo Verão, na Universidade de Coimbra, no âmbito do projecto "Speak out against racism", promovido pelo Conselho da Europa.

O prazer de descobrir e de aprender

Apoio à realização de um programa de televisão, Koisas Kuriosas, composto por 13 episódios temáticos, de curta duração, para transmissão na SIC K. O programa pretende aproximar os mais jovens da ciência e da tecnologia.

Entre a Cultura Alemã e a Holandesa

@ Fotografia: Joana Salta

*Gonçalo Sena | 26 anos | Área: Belas-Artes**

Qual é o mestrado que frequenta?

Actualmente, estou no segundo ano do Master of Fine Arts. Seis meses depois de concluir a minha licenciatura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, dei por mim indeciso entre concorrer a uma residência artística ou voltar a estudar. Nessa altura descobri o Dutch Art Institute (DAI), curiosamente num *website* de divulgação de residências artísticas. Atraiu-me de imediato a sua estrutura curricular, o modelo de ensino experimental que está a desenvolver e a mobilidade que o calendário do curso permite aos alunos. É semelhante a uma residência artística teórico-prática.

Pode especificar?

Todo o conceito do curso e do próprio DAI assenta na ideia de que alunos, tutores, convidados e *staff* se encontrem, uma vez por mês, durante uma semana, num programa intensivo de *lectures*, *studio visits*, discussões com tutores, apresentações de alunos, etc. Fazemos as refeições na cozinha do DAI, que convida um cozinheiro diferente todos os meses, e dormimos num alojamento providenciado pelo Instituto. Esta semana, a que chamamos *dai-week*, repete-se ao longo do ano lectivo, todos os meses, excepto um, no qual realizamos uma viagem integrada num dos projectos do curso.

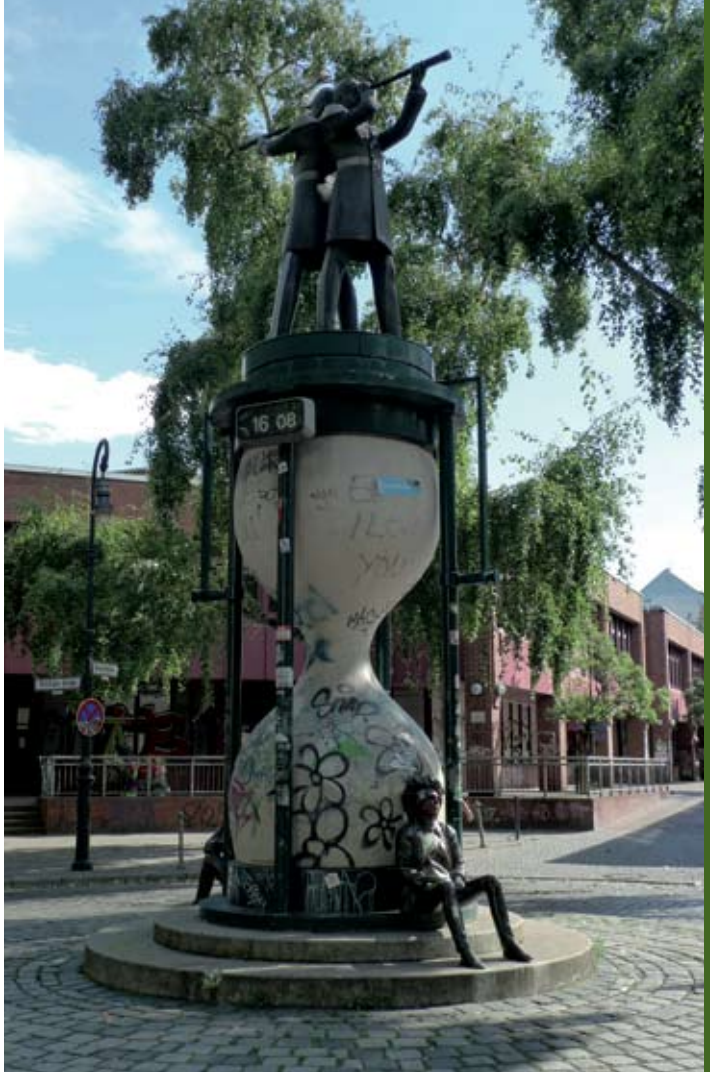
A estrutura do curso está segmentada em diferentes actividades:

1 – São-nos propostos três projectos a serem desenvolvidos com uma instituição ou curador, dos quais escolhemos um para seguirmos ao longo do ano.

Para este ano escolhi trabalhar com a plataforma If I Can't Dance, I Don't Want To Be Part Of Your Revolution, tendo como tutor o artista inglês Phil Collins, sobre a temática "Affect". Ao longo do ano, recebemos convidados directamente relacionados com as temáticas a desenvolver e com quem discutimos o projecto global e cada um dos individuais.

2 – Em vez de organizar uma exposição de finalistas, o DAI propõe a realização de uma publicação individual a cada aluno – um livro de artista –, desenvolvido em parceria com os alunos da Werkplaats Typografie. Interessa-me este repensar da visibilidade dos estudantes de arte quando acabam os seus cursos, normalmente cumprindo a saga das anuais exposições de finalistas e, neste caso por contraponto, a utilidade e durabilidade que uma publicação individual pode ter enquanto divulgação e *statement* físico.

3 e 4 – Como aluno do segundo ano, devo ainda entregar uma tese escrita, acompanhada por um tutor e desenvolver um *website* sobre o meu trabalho.



E como é viver e estudar em Arnhem?
Arnhem fica a uma hora e meia de comboio de Amesterdão, onde vivem cerca de metade dos alunos do DAI. A outra metade encontra-se entre Roterdão e outros países na Europa. Apenas uma aluna vive em Arnhem.
Eu vivo em Berlim e todos os meses viajo de comboio até lá. Como, por vezes, temos projectos que se prolongam durante os fins-de-semana, ou que acontecem mesmo fora das *dai-weeks*, acabo também por viver um pouco na Holanda.
Viver entre a cultura alemã e a holandesa tem sido incrível. Viajar de comboio de um país para o outro, observar as mudanças na paisagem e na arquitectura, acompanhar a cena musical e artística de ambos os contextos e, acima de tudo, andar sempre de bicicleta, tem-se revelado extremamente gratificante e motivante a todos os níveis.

As *dai-weeks* são estruturadas em torno das necessidades destes projectos, incluindo, por vezes, a nossa deslocação a outras cidades na Holanda para vermos determinada exposição, seminário ou performance.

Pode falar-nos dos dois projectos que desenvolveu, Goodtripbadtrip e User's Manual: Grand Domestic Revolution?
Ambos os projectos foram desenvolvidos durante o meu primeiro ano de estudos.
O primeiro é da autoria de Mark Kremer e consiste num projecto curatorial em torno da ideia de experiência artística como *trip* e propõe uma base de pesquisa assente na ideia da não-reconciliação histórica entre Psicadelismo e Conceptualismo dos anos 60. Abordámos temas relacionados com práticas artísticas dos anos 60 e 70 na Europa, Estados Unidos e América do Sul, a respectiva produção musical contemporânea e a forma como estas podem ser vistas enquanto viagem espiritual ou processo ritual. Viajámos para o Sul da Sibéria, partindo no comboio transiberiano de Moscovo até Irkutsk e daí até uma ilha sagrada xamânica no lago Baikal. O projecto foi concluído com uma série de *exposições de uma hora* de cada um de nós e um texto do Mark Kremer.

O User's Manual: Grand Domestic Revolution (UM: GDR) é um projecto organizado pelo Casco, uma instituição baseada em Utrecht, que desenvolve projectos experimentais relacionados com Arte, Design e Arquitectura, com curadoria de Binna Choi. Tem como tema central pesquisar processos evolutivos e colaborativos de "vivência" na esfera privada e doméstica contemporânea, e tem como elemento simbólico e funcional um apartamento alugado em Utrecht para o desenvolvimento dos projectos. A minha participação esteve relacionada com pesquisa de elementos arquitectónicos que medeiam espaços privados e públicos, interiores e exteriores. O UM: GDR, que se prolonga fora do DAI, culminará numa publicação com a nossa participação colectiva.

Terminado o curso, o que se segue?
A questão prende-se com o onde viver e a mobilidade que quero conservar. Gostaria de voltar a Itália. ■

** bolseiro do Serviço de Belas-Artes no Dutch Art Institute*

uma obra

Centro de Arte Moderna
Ambiente Sala de Jantar Ana Vieira

Esta foi a primeira de uma série de três instalações *(Ambientes)* que a artista produziu entre 1971 e 1972. Constituída como dupla estrutura de tela translúcida e leve, ao modo de um labirinto sem peso, branco e azul, encerra no seu núcleo central uma mesa branca posta com copos, pratos e talheres, circunscrita por um primeiro paralelepípedo de tela azul suspensa, na qual quatro cadeiras em perspectiva surgem como formas ausentes, cujos contornos bem definidos enunciam paradoxalmente uma materialidade entretanto inexistente. Este "cubo" interior é por sua vez protegido e encerrado por outro maior que delimita o espaço da casa de jantar, separando-o do exterior. Neste último, os valores cromáticos invertem-se, as formas de objectos e móveis reconhecíveis do interior doméstico são agora simulados, pintados a spray azul sobre as doze telas brancas que constituem o perímetro da divisão: relógio de parede, consola, aparador, cómoda com candelabros, porta, janela de reposteiros, dois quadros ovais com flores, cadeira. Todos esses adereços são interiores mas, vistos de fora, qualificam esse espaço como um lugar que nos é simultaneamente familiar e estranho.

Composto segundo os critérios de um gosto médio algo tradicionalista, sobre o qual a artista parece ironizar, o *Ambiente* conduz-nos à meditação sobre os valores simbólicos associados à casa na cultura ocidental, no conjunto dos atributos contrários e relativos que são os seus: privado/público, interior/exterior, cheio/vazio, sombra/luz, desejo/aparência... Enquanto projecto de índole cenográfica, esta instalação – como as outras duas que Ana Vieira realizaria pouco depois – torna manifesta uma importante evolução da criação plástica da artista, desde a recriação pós-pictural de objectos de uso quotidiano, em obras de anos anteriores, para um trabalho mormente relacionado com uma fenomenologia dos espaços físicos e sociais. Alimentando-se de um contraste entre o objecto tangível, o seu desenho e projecto como forma no vazio, os *Ambientes* constituem-se como cenários, pequenos teatros de sombras, completando-se com a introdução de elementos sonoros: registo de ruídos e sons associados ao usufruto dos espaços encenados, neste caso, uma casa de jantar onde os objectos elegantemente distribuídos e desenhados contrastam com os ecos e rumores de uma refeição partilhada. No *Ambiente – Sala de Jantar*, o som envolve e cativa o espectador tanto quanto a imagem visual, na contemplação do encanto reservado e algo opressivo de um interior burguês, em que o rigor da disposição dos objectos torna evidente o lugar-comum da banalidade e da ordem imutável das coisas, como se de um santuário se tratasse. Recordamos então Jean Baudrillard, quando nos fala dos espaços e objectos como sistemas contraditórios de signos e códigos que aprisionam fatalmente a liberdade do ser[1], aqui plasmados no azul, a mais imaterial das cores[2]. ■ **Ana Filipa Candeias**

1 Jean Baudrillard, *Para Uma Crítica da Economia Política do Signo*, Lisboa, Edições 70, 1981.

2 Cf. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont, 1987.

Ana Vieira (Coimbra, 1940)
Ambiente – Sala de Jantar, 1971
Redes de nylon *(marquisette) pintadas a* spray *azul e mesa de madeira pintada de branco (12 redes exteriores; 4 redes interiores); 4 pratos de loiça; 4 copos de vidro; 4 facas em inox, cd-rom com som.*
200 x 312 x 312 cm
N.º Inv. 78E608

janeiro | 15 fevereiro agenda

exposições

Terça a Domingo das 10 às 18h
Encerram à segunda

Professores
até 2 Janeiro
Hall e Nave, CAM
Curadoria: Isabel Carlos
€4

ResPublica
1910 e 2010 Face a Face
até 16 Janeiro
Hall e Nave, CAM
Curadoria: Isabel Carlos
€4

Re-Rite – Be the Orchestra
INSTALAÇÃO AUDIOVISUAL INTERACTIVA
de 9 Janeiro a 23 Janeiro
MUDE (Museu do Design e da Moda)
Entrada Livre

Muros de Abrigo
DE ANA VIEIRA
de 14 Janeiro a 27 Março
Hall e Nave, CAM
Curadoria: Paulo Pires do Vale
€4

Casa Comum
OBRAS NA COLECÇÃO DO CAM
de 14 Janeiro a 27 Março
Galeria 1, CAM
Curadoria: Leonor Nazaré
€4

Não Confiem nos Arquitectos
DE DIDIER FAUSTINO
de 14 Janeiro a 3 Abril
Sala Polivalente
Sala de Exposições Temporárias, CAM
Curadoria: Isabel Carlos
Gratuito

eventos

Todos os eventos são de entrada livre, excepto onde assinalado

Dostoiévski e Janáček
6 Janeiro, quinta, 19h00
Auditório 2
Conferência por **Paulo Ferreira de Castro**

A Orquestra Sinfónica no Séc. XXI: Desafios e Perspectivas I
CONFERÊNCIA GULBENKIAN MÚSICA
PHILHARMONIA ORCHESTRA | DAVID WHELTON (DIRECTOR EXECUTIVO) E RICHARD SLANEY (COODENADOR PROJECTOS MULTIMÉDIA)
11 Janeiro, terça, 19h00
Auditório 2

Visiting Time: The Renegotiation of Time Through Time-based Art
POR BORIS GROYS
CICLO DE CONFERÊNCIAS *IMAGE IN SCIENCE AND ART*
19 Janeiro, quarta, 18h00
Auditório 2

A Orquestra Sinfónica no Séc. XXI: Desafios e Perspectivas II
CONFERÊNCIA GULBENKIAN MÚSICA
LOS ANGELES PHILHARMONIC | DEBORAH BORDA (DIRECTORA EXECUTIVA)
21 Janeiro, sexta, 19h00
Auditório 2

Functional Images of the Brain: Beauty, Bounty, and Beyond
POR JUDY ILLES
CICLO DE CONFERÊNCIAS *IMAGE IN SCIENCE AND ART*
2 Fevereiro, quarta, 18h00
Auditório 2

Ciclo Mahler
FILMES GULBENKIAN MÚSICA

Mahler Entre os Seus
9 Janeiro, domingo, 18h00
Auditório 3

Alma Mahler: entrevistas
Realização: **Joseph Albrecht**
Versão alemã (legendas em francês)
1958, 18 min.

Os Grandes Mistérios da Música
Realização: **Josée Dayan**
Versão francesa
1978, 45 min.

Sinfonia nº 9, em Ré Maior - 4 º Andamento
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE BERLIM
Direcção: **Claudio Abbado**
Realização: **Janos Darvas**
Produção: WDR
1994, 25 min.

Dirigir Mahler
15 Janeiro, sábado, 16h00
Auditório 3

Bizet: L'Arlésienne - Adagietto
orquestra do concertgebouw
Direcção: **Willem Mengelberg**
Produção: Nedfilm
1932, 12 min.

Sinfonia nº4, em Sol Maior, (excerto)
orquestra filarmónica de viena
E. Schwarzkopt (Soprano)
Direcção: **Bruno Walter**
Produção: ORF
1960, 2 min.

Dirigindo Mahler
orquestra do concertgebouw, orquestra filarmónica de viena, orquestra filarmónica de berlim
Direcção: **Bernard Haïtink, Riccardo Chailly, Riccardo Muti, Claudio Abbado e Simon Rattle**
Realização: **Frank Sheffer**
Produção: Allegri Film BV/ Idéale Audience
1995, 70 min.
Legendas em Inglês

Morte em Veneza
15 Janeiro, sábado, 18h00
Auditório 3
Realização: **Luchino Visconti**
Com: **Dirk Bogarde e Silvana Mangano**
Produção: Warner
1971, 130 min.
Legendas em Português

Leonard Bernstein
23 Janeiro, domingo, 16h00
Auditório 3

Sinfonia nº 2, em Dó Menor «ressurreição» (Excertos)
orquestra filarmónica de nova iorque
Produção: CBS
1963, 25 min.

Sinfonia nº 4, em Sol Maior
orquestra filarmónica de viena
Edith Mathis (Soprano)
Realização: **Humphrey Burton**
Produção: Unitel
Duração: 60 min.

Mahler
23 Janeiro, domingo, 18h00
Auditório 3
Com: **Robert Powell, Georgina Hale, Lee Montague, Miriam Karlin, Rosalie Crutchley**
Realização: **Ken Russel**
Produção: Gaumont
Versão Inglesa
1974, 115 min.

De Compasso Comedido, a Quinta de Mahler
30 Janeiro, domingo, 16h30
Auditório 3
Com: **Eric Frey, Marianne Anska, Serge Feuillard**
Realização: **Pierre-Henry Salfati**
Produção: 13 Production / Arte France
Versão francesa / Legendas em inglês
2009, 60 min.

Drácula, Páginas Retiradas do Diário de uma Virgem
30 Janeiro, domingo, 18h00
Auditório 3
Com: **Zhang Wei-Qiang, Tara Birtwhistle, David Moroni, Cindy Marie Small, Johnny Wright**
Realização: **Guy Maddin**
Coreografia: **Mark Godden para o Royal Winnipeg Ballet do Canadá**
Música : **Sinfonia n° 1, em Ré maior «Titan», Sinfonia n° 2, em Dó menor «Ressurreição»**
Distribuição: ED distributions, Canada, N&B
2001, 75 min.

música

Da Casa dos Mortos de Leos Janáček
coro e orquestra gulbenkian
6 Janeiro, quinta, 21h00
7 Janeiro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Esa-Pekka Salonen Maestro
Petri Bäckström Tenor
Anna Danik Soprano
Gordon Gietz Tenor
Pavlo Hunka Barítono
Dan Karlström Tenor
Stefan Margita Tenor
Hannu Niemelä Baixo
Esa Ruuttunen Barítono
Eric Stoklossa Tenor
Kristiina Helin Direcção Cénica

Encontro com Esa-Pekka Salonen
7 Janeiro, sexta, 21h00
Auditório 2
Entrada livre

Met Live in HD La Fanciulla del West de Giacomo Puccini
8 Janeiro, sábado, 18h00
Grande Auditório
Nicola Luisotti Maestro
Giancarlo Del Monaco Encenador
Deborah Voigt, Marcello Giordani, Juha Uusitalo
Transmissão em directo da Metropolitan Opera

Philharmonia Orchestra
ciclo grandes orquestras
11 Janeiro, terça, 21h00
Grande Auditório
Esa-Pekka Salonen Maestro
Leila Josefowickz Violino
Maurice Ravel, Esa-Pekka Salonen, Béla Bartók

Philharmonia Orchestra Coro Gulbenkian
13 Janeiro, quinta, 21h00
Coliseu dos Recreios
Esa-Pekka Salonen Maestro
Attila Fekete Tenor
Michele Kalmandi Baixo
Béla Bartók, Igor Stravinsky

Orquestra Gulbenkian de Berlim a Paris
14 e 16 Janeiro, sexta e domingo, 19h00
Grande Auditório
Lawrence Foster Maestro
Ute Lemper Soprano
Paul Hindemith, Kurt Weill, Hanns Eisler, Norbert Schultze, Friedrich Hollaender, Erik Satie, Claude Debussy, Jacques Brel, Édith Piaf, John Kander

Coro e Orquestra Gulbenkian
19 Janeiro, quarta, 19h00
20 Janeiro, quinta, 21h00
Grande Auditório
Simone Young Maestrina
Miriam Gordon-Stewart Soprano
Bo Skovhus Barítono
Gabriel Fauré, Claude Debussy, Alexander Zemlinsky

Los Angeles Philharmonic Orchestra
ciclo grandes orquestras
21 Janeiro, sexta, 21h00
Grande Auditório
Gustavo Dudamel Maestro
Kelley O'Connor Meio-Soprano
John Adams, Leonard Bernstein, Ludwig van Beethoven

Los Angeles Philharmonic Orchestra
ciclo grandes orquestras
22 Janeiro, sábado, 21h00
Grande Auditório
Gustavo Dudamel Maestro
Gustav Mahler

Ciclo Grandes Vozes
24 Janeiro, segunda, 19h00
Grande Auditório
Bo Skovhus Barítono
Simone Young Piano
Gustav Mahler

Orquestra Gulbenkian
27 Janeiro, quinta, 21h00
28 Janeiro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Simone Young Maestrina
Christoph Prégardien Tenor
Jonathan Luxton Trompa
Ana Beatriz Manzanilla Violino
Pedro Saglimbeni Muñoz Viola
Benjamin Britten, Franz Schubert

Músicas do Mundo
yasmin levy [israel]
29 Janeiro, sábado, 21h00
Grande Auditório

al-kindi ensemble [síria]
31 Janeiro, segunda, 21h00
Grande Auditório
Julien Jâlal Eddine Weiss Kanun e Direcção

Coro e Orquestra Gulbenkian
3 Fevereiro, quinta, 21h00
4 Fevereiro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Lawrence Foster Maestro
Larissa Savchenko Meio-Soprano
Maria José Falcão Violoncelo
Sa Chen Piano
Dmitri Kabalevsky, Edvard Grieg, Sergei Prokofiev

Coro e Orquestra Gulbenkian
Percurso Descoberta
10 Fevereiro, quinta, 21h00
11 Fevereiro, sexta, 19h00
Grande Auditório
Josep Pons Maestro
Pablo Mainetti Bandoneón
Alberto Ginastera, Astor Piazzola, Edgard Varèse, Claude Debussy

Solistas da Orquestra Gulbenkian
11 Fevereiro, sexta, 21h30
Grande Auditório
Alexandra Mendes Violino
Cecília Branco Violino
Barbara Friedhoff Viola
Maria José Falcão Violoncelo
Luís de Freitas Branco, Claude Debussy

Orquestra Gulbenkian
Concerto para a Família
12 Fevereiro, sábado, 16h00
Grande Auditório
Josep Pons Maestro
Pablo Mainetti Bandoneón
Astor Piazzola, Edgard Varèse

Ciclo Piano
15 Fevereiro, terça, 19h00
Grande Auditório
Boris Berezovsky Piano
Fryderyck Chopin, Franz Liszt

descobrir...
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

A excelência das Artes Decorativas na França do séc. XVIII
Os lugares da arte
4 Janeiro, terça, 15h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

Baixo-Relevo Assírio
Uma obra de arte à hora do almoço
5 Janeiro, quarta, 13h30
Museu Calouste Gulbenkian
visita | Gratuito

A Arte, a História e o Mundo
5, 7, 12 e 14 Janeiro, quarta e sexta, 10h30
Museu Calouste Gulbenkian
Por: Isabel Oliveira e Silva
curso teórico | €30

Mar Salgado de João Pedro Vale
Uma obra de arte à hora do almoço
7 Janeiro, sexta, 13h15
CAM
visita | Gratuito

Res Publica 1910 e 2010 face a face
Encontros ao fim da tarde
7 Janeiro, sexta, 17h00
CAM
visita | Gratuito

A Arte como Espelho - Quando a Arte Apresenta...Denuncia...Age
8 e 9 Janeiro, sábado e domingo, 10h00
CAM
Por: Magda Henriques
curso teórico | €40

Res Publica 1910 e 2010 face a face
Domingos com arte
9 Janeiro, domingo, 12h00
CAM
visita | Gratuito

Um Artista no IGC: didier faustino programa C²
12 Janeiro, quarta, 17h00
IGC (Instituto Gulbenkian de Ciência)
Gratuito

Não Confiem nos Arquitectos, didier faustino
Encontros ao fim da tarde
14 Janeiro, sexta, 17h00
CAM
visitas | Gratuito

Não Confiem nos Arquitectos, didier faustino
Domingos com arte
16 Janeiro, domingo, 12h00
CAM
visitas | Gratuito

Músicas do Mundo
17, 18, 25 e 26 Janeiro, 18h30
Edifício Sede
Por: Carlos Seixas
curso teórico música | €40

Mesa-Paisagem (barco), de ana vieira
Uma obra de arte à hora do almoço
21 Janeiro, sexta, 13h15
CAM
visitas | Gratuito

Muros de Abrigo, de ana vieira
Encontros ao fim da tarde
21 Janeiro, sexta, 17h00
CAM
visita | Gratuito

Muros de Abrigo, de ana vieira
Domingos com arte
23 Janeiro, domingo, 12h00
CAM
visita | Gratuito

A Casa na Colecção do CAM
Encontros ao fim da tarde
28 Janeiro, sexta, 17h00
CAM
visita | Gratuito

Afectos, Trajectos e Conceitos: Manifestações de Arte Conceptual em Portugal
Encontros ao fim da tarde
29 e 30 Janeiro, sábado e domingo, 10h00
CAM
Por: Ana Gonçalves
curso teórico | €50

A Pintura, os Lugares e o Tempo
Sempre aos domingos
30 Janeiro, domingo, 11h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

À Descoberta da Colecção: Nova Montagem, Novos Olhares
Domingos com Arte
30 Janeiro, domingo, 12h00
CAM
Gratuito

A Arte do Retrato
Os lugares da arte
1 Fevereiro, terça, 15h00
Museu Calouste Gulbenkian
visita | €5

Nicho de Oração
Uma obra de arte à hora do almoço
2 Fevereiro, quarta, 13h30
Museu Calouste Gulbenkian
visita | Gratuito

A Arte, a História e o Mundo
Uma obra de arte à hora do almoço
2, 4, 9 e 11 Fevereiro, quarta e sexta, 10h30
Museu Calouste Gulbenkian
Por: Isabel Oliveira e Silva
curso teórico | €30

A Casa do Esquecimento de Pedro Cabrita Reis
Uma obra de arte à hora do almoço
4 Fevereiro, sexta, 13h15
CAM
visitas | Gratuito

Vídeo Performance em Tempo Real
Técnicas artísticas para não artistas
5 e 6 Fevereiro, sábado e domingo, 10h00
CAM
Por: Tiago Pereira
curso prático | €40

Casa Comum. Obras na Colecção do CAM
Domingos com arte
6 Fevereiro, domingo, 12h00
CAM
visitas | Gratuito

Visitas para cientistas: Não Confiem nos Arquitectos, de didier faustino
Programa C²
12 Fevereiro, sábado, 12h00
CAM
Gratuito

Não Confiem nos Arquitectos, didier faustino
Domingos com arte
13 Fevereiro, domingo, 12h00
CAM
visita | Gratuito

descobrir...
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Os bilhetes para as actividades podem ser adquiridos através da bilheteira online e não requerem marcação prévia, excepto onde assinalado.

Informações e reservas
Segunda a Sexta, das 15h00 às 17h00
Tel: **21 782 3800** | Fax: **21 782 3014**
E-mail: **descobrir@gulbenkian.pt**
Compra online: **www.descobrir.gulbenkian.pt**
www.bilheteira.gulbenkian.pt

para os mais novos

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Vacas Gordas, Vacas Magras e as Inundações do Nilo
8 Janeiro, sábado, 14h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Os Bolsos da Sra. República
9 Janeiro, domingo, 10h00 e 11h30
2 aos 4 anos
CAM
oficina de contos famílias | €7,5 [adulto + criança]

Sonhar e Construir
9 Janeiro, domingo, 10h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

RE-RITE - Instalação Audiovisual Interactiva
15 e 16, 22 e 23 Janeiro, sábado e domingo, 10h00
+ 6 anos
MUDE
visita musical famílias | €2

A Representação dos Animais na Arte
15 Janeiro, sábado, 14h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

O Retrato Intimista e o Retrato de Aparato
16 Janeiro, domingo, 10h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Tempo Ilustrado
16 Janeiro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
CAM
oficina famílias | €7,5 [adulto + criança]

Tempo Ilustrado
16 Janeiro, domingo, 15h30
7 aos 11 anos
CAM
oficina | €7,5

A Grécia Clássica
22 Janeiro, sábado, 14h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Casas Bem Abrigadas
23 Janeiro, domingo, 10h00 e 11h30
2 aos 4 anos
CAM
oficina de contos famílias | €7,5 [adulto + criança]

Pelo Deserto Fora à Procura de um Oásis
23 Janeiro, domingo, 10h30
4 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina famílias | €7,5 [adulto + criança]

A Voz na Música das Histórias
29 Janeiro, sábado, 10h00
6 aos 9 anos
Edifício Sede
visita/musical | €7,5

Imagens de Formas Invisíveis
30 Janeiro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
CAM
oficina famílias | €7,5 [adulto + criança]

Imagens de Formas Invisíveis
30 Janeiro, domingo, 15h30
7 aos 11 anos
CAM
oficina | €7,5

As Artes da Terra
5 Fevereiro, sábado, 14h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Espelho Meu, Espelho Meu...
6 Fevereiro, domingo, 10h00 e 11h30
2 aos 4 anos
CAM
oficina de contos famílias | €7,5 [adulto + criança]

O que é uma Jóia?
12 Fevereiro, sábado, 14h30
5 aos 12 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Piazzolla e Varése
concerto comentado
12 Fevereiro, sábado, 16h00
+ 6 anos
Grande Auditório
famílias | €6

De Corpo Inteiro
necessidades educativas especiais
12 Fevereiro, sábado, 11h00
+ 6 anos
CAM
famílias | €15 [pais + criança]

Expressão e Matéria: A Escultura I
13 Fevereiro, domingo, 10h30
12 aos 15 anos
Museu Calouste Gulbenkian
visita/oficina | €7,5

Cabanas e Habitáculos - a Arte de Construir Lugares
13 Fevereiro, domingo, 10h30
4 aos 6 anos
CAM
oficina/famílias | €7,5 [adulto + criança]

Cabanas e Habitáculos - a Arte de Construir Lugares
13 Fevereiro, domingo, 15h30
7 aos 11 anos
CAM
oficina | €7,5

SE DEIXOU CÁ O ENVIE TAMBÉM O

www.ideiasdeorigemportuguesa.org

Por mais forte que seja, a saudade que sente pelo seu país não chega. É preciso mais do que sentir: é preciso fazer. O quê? Pense nisso. Pense no que poderia fazer por Portugal na área do empreendedorismo social. Se tiver uma boa ideia, participe no projecto Ideias de Origem Portuguesa. A Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Talento vão seleccionar e apoiar as melhores.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FUNDAÇÃO TALENTO

IDEIAS PT
DE ORIGEM PORTUGUESA

Lá se pensam, cá se fazem.